

A Voz de Paço de Arcos

ANTÓNIO PASSAPORTE

UM “CAÇADOR DE IMAGENS”
COM UM LÉGADO IMENSURÁVEL

O “NOSSO” JORNAL
COMEMORA 45 ANOS
OBRIGADO!



Paço de Arcos, o pavilhão do jardim Marquês de Pombal - Anos 50 (meados) do século XX

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DA VILA DE PAÇO DE ARCOS E DAS LOCALIDADES CIRCUNDANTES
FUNDADO EM 1979 POR ARMANDO GARCIA, JOAQUIM COUTINHO E VÍTOR FARIA

Diretor: José Manuel Marreiro | Bimestral | N.º 53, Junho de 2024

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



15 PAÇO D'ARCOS — O Pavilhão do Jardim Marquês de Pombal

Capa: Foto de António Passaporte.
Paço de Arcos, o pavilhão do jardim Marquês de Pombal - Anos 50 (meados) do século XX
Ref. [PT/MOER/MO/NF/002/000014]

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Associação Cultural
“A Voz de Paço de Arcos”

Sede: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Direção: Presidente - José M. R. Marreiro;
Tesoureiro - Cândido Vintém;
Secretário - Miguel Teixeira

Redação: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

E-mail: avozpacoarcos@gmail.com

N.I.F.- 513600493 | **E.R.C. n.º** 126726

Depósito Legal: 61244/92

Diretor: José M. R. Marreiro

Coord. Edição Online: Renato Batistelli

Coord. Edição Papel: Margarida Maria Almeida

Editor: Jorge Chichorro Rodrigues

E-mail: jchichorro@avozdepacodearcos.org

Sede do Editor: Rua Thomaz de Mello nº4 B
2770-167 Paço de Arcos

Impressão: www.artipol.net

Sede do impressor: Rua da Barrosinha, n.º
160 | Barrosinha Apartado 3051 | 3750-742
Segadães, Águeda Portugal

Colaboradores: Alexandra Antunes; Aline Bettencourt; Annabela Rita; António Pena; António dos Santos; Carlos Albuquerque; Carlos Aguiar; Carlos Reis; Caty Soares; Fátima Pissarra; Jorge Chichorro Rodrigues; José Aguiar Lança-Coelho; José Marreiro; Luís Álvares; Luís Amorim; M.B.C.; Margarida Almeida; Maria Aguiar; Maria Morgado; Mário Matta e Silva; Paulo Ferreira; Raquel Silva; Rui Carvalho; Sofia Martinho; Tiago Miranda e Virgínia Branco

Fotografia: José Mendonça, Carlos Ricardo, Luís Amorim, desenho e aguarela de Serrão de Faria

Capa: António Passaporte - Arq. M. Oeiras

Paginação: Andreia Pereira

Tiragem: 2000 exemplares

Online: avozdepacodearcos.org

E-mail: info@avozdepacodearcos.org

Publicidade: josemarreiro@gmail.com

Tel.: 919 071 841 (José Marreiro)

Diretor Honorário: José Serrão de Faria

Subdiretora Honorária: Maria Aguiar

A arte da resiliência do nosso jornal

Não é fácil, antes uma arte, permanecer vivo e bem vivo no mundo do jornalismo local num mundo cada vez mais global em que prevalecem os *media* das mais diversas proveniências e nos mais diversos suportes, seja o papel tradicional, que está a sofrer uma forte concorrência, seja o audiovisual. Por isso nunca é demais louvar o trajeto que já vai em 45 anos deste jornal que, adaptando-se aos novos tempos, se dedica a preservar e a sedimentar a identidade da nossa comunidade que vive a contemplar o Tejo de onde saíram as armadas “descobridoras”.

Na capa o caro leitor pode encontrar uma foto do jardim de Paço de Arcos, de meados do século passado, de António Passaporte, exímio e bem conhecido fotógrafo do século XX que fotografou Oeiras e Cascais e que deixou o seu espólio às respetivas câmaras municipais. Nesta edição Luís Amorim dedica um texto bastante elucidativo sobre este fotógrafo que foi repórter fotográfico na Guerra Civil de Espanha, alistado nas Brigadas Internacionais, fez fotos para promover o turismo em Espanha, retratou a Exposição do Mundo Português, em 1940, e na década de 40 fez o levantamento fotográfico do nosso país.

Ao comemorarmos 45 anos do nosso jornal, nascido em 1 de junho de 1979 (no dia da criança), é com um profundo reconhecimento que destacamos a obra fotográfica de António Passaporte, ligado à nossa região por algumas das suas fotos. Um artigo de Aline Bettencourt destaca os três fundadores do jornal, Armando Garcia, Joaquim Coutinho e Vítor Faria. O jornal, tendo começado por uma simples

folha A4, teve logo um rápido crescimento, dentro das limitações de um tempo em que ainda não tinham chegado as tecnologias que vieram mudar o mundo. A cultura, a sociedade e o desporto, foram desde o princípio as três áreas de que se ocupou o jornal, atento a instituições como os bombeiros, os quartéis, as escolas ou as creches. Organizando e patrocinando muitas exposições e eventos culturais, para divulgação de artistas locais, A Voz de Paço de Arcos tem-se esmerado na promoção da identidade da Vila de Paço de Arcos e da região à sua volta.

As efemérides para celebrar os 45 anos de vida do jornal terão lugar no dia 13 de julho com a apresentação no Auditório José de Castro de materiais de arquivo que se manterá até ao dia 14. Haverá momentos dedicados às crianças (não esquecendo a data de início do jornal, no dia da criança) com leitura de contos e com música e dança. No dia 14 haverá uma sessão de cinema no auditório e a encerrar as efemérides o fecho da exposição.

Lembramos que está a decorrer o Concurso de Fotografia Oeiras 24, sugerindo a participação dos nossos leitores, que poderão consultar a nossa página que a ele se refere.

Como se pode ver, está bem vivo, graças à sua resiliência e ao empenho de todos os que nele participam, o nosso jornal *A Voz de Paço de Arcos*. Que venham muitos mais anos é o que todos desejamos, para o bem da nossa comunidade.

Jorge Chichorro Rodrigues



António Passaporte em Oeiras

O legado de António Passaporte sobre o território de Oeiras é o mais amplo e diverso existente, apesar de se ter circunscrito a Oeiras, Santo Amaro, Paço de Arcos, Caxias e Algés, cinco lugares fotografados de modo exaustivo e destinados à edição de postais ilustrados. Nenhum outro fotógrafo produziu imagens com a frequência e durante um espaço de tempo tão alargado quanto Passaporte. As imagens de Oeiras, ribeirinhas, patrimoniais, urbana e rural foram divulgadas em meados do século XX por um fotógrafo natural de Évora, mas quase um oeirense, tal a quantidade de registos fotográficos existentes relativos a este concelho. Fotógrafos houve, nacionais e estrangeiros, alguns conceituados, a passarem por Oeiras e registando imagens de enorme valor, embora tivessem sido documentos de memória gráfica, pontuais, sem continuidade ao longo dos anos. Foram instantâneos de excelência, mas que retratavam uma realidade histórica fugaz, do momento em que visitaram Oeiras. Foi com António Passaporte que o território oeirense adquiriu uma verdadeira perspectiva territorial, ainda que focado naqueles cinco lugares citados, para mostrar um quadro abrangente da realidade histórica, abrilhantado com elementos paisagísticos, patrimoniais e turísticos, de onde se pode realçar o turismo balnear. A cobertura fotográfica foi então determinada pelos condicionantes que ditavam a produção de bilhetes postais ilustrados e a sua estratégia editorial, a qual incidia no litoral, com



Paulo Pinto (Pinto Caricaturas):
www.instagram.com/pintocaricaturas

destaque para as praias durante a época de veraneio, mas também nos edifícios públicos, monumentos, paisagens fotografadas de pontos altos, principais ruas e praças. Daqui resultava que determinados planos eram quase repetidos para exemplares finais muito semelhantes, com o objectivo de ter uma base maior na final selecção fotográfica. As colecções iniciais de Passaporte neste território, tiveram início entre 1942 e 1944, com poucos exemplares referentes a Oeiras e Santo Amaro. Em 1944/45, o fotógrafo manteve aquelas duas localidades, alargando a sua colecção até Paço de Arcos. Já nos anos 50, expandiu o seu registo fotográfico às localidades de Caxias e Algés. Abriu assim, os horizontes concelhios, passando a oferecer uma paisagem mais abrangente com a finalidade de agradar a um público mais vasto. Veio, por isso, até Oeiras numerosas vezes, sempre aos fins-de-semana, ganhando familiaridade com os lugares e ca-





Paço de Arcos, vista parcial sobre a linha férrea
Anos 50 do século XX
Ref. [PT/MOER/MO/NF/002/000016]

minhos que percorria, captando ângulos e diferentes perspectivas, mas sempre, de grande qualidade. Os postais ilustrados revelaram-se um enorme sucesso comercial, com sucessivas reedições, as quais eram colocadas à venda em lojas, tabacarias, agentes de correio, no regime de consignação, o qual lhe permitia aferir sobre os temas que tinham maior aceitação pelo público. Em 1985, a Câmara Municipal de Oeiras adquiriu a sua colecção de arquivos fotográficos, executados entre inícios da década de 40 e finais da década de 50. Encontram-se nesta aquisição, os negativos em chapas de vidro, 157 relativos a Oeiras, Santo Amaro e Paço de Arcos, numa primeira fase, entre Abril e Julho de 1985. Num segundo momento, ainda nesse intervalo de tempo, mais III



Caxias, Laveiras, Igreja do Convento da Cartuxa
Anos 50 do século XX
Ref. [PT/MOER/MO/NF/002/000196]

negativos referentes a Caxias e Algés. Em Setembro do mesmo ano, o filho Rodolfo Passaporte, entregou como oferta ao Município de Oeiras, mais duas caixas com negativos que encontrara (segundo o próprio, cerca de três dezenas), pois diziam respeito à mesma colecção. Em 1997, foi atribuído o nome do prestigiado fotógrafo, constando desde então na Rua António Passaporte, na vila de Oeiras. Aqui, muitas foram as imagens registadas durante a sua marcante e brilhante carreira.

Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)
Fotografias cedidas pelo
Arquivo Municipal de Oeiras



Oeiras, vista panorâmica
Anos 50 (inícios) do século XX
Ref. [PT/MOER/MO/NF/002/000104]



Algés, vista parcial até Belém
Anos 50 do século XX
Ref. [PT/MOER/MO/NF/002/000230]

Do Vila Galé Paço de Arcos ao Vila Galé Caxias



No número anterior, a nossa rubrica CAMINHOS acabou no Hotel Vila Galé de Paço de Arcos. Neste número, partiremos daqui em direção a Caxias, até aos antigos edifícios militares, há décadas desativados, e onde se iniciaram, recentemente, as obras de recuperação e construção dos edifícios que vão albergar o novo Hotel Vila Galé.



Assim, iniciamos o nosso caminho no jardim do Palácio dos Arcos, Hotel, jardim camarário aberto ao público com horário definido para o verão e para o inverno.

Recomendamos aos paçodearquenses que não se esqueçam da possibilidade de frequentarem o espaço, que está muito bem tratado e valorizado com a presença de belíssimas obras de arte, estátuas de poetas de autoria do escultor Luís Simões, e de onde se pode usufruir, tal como já fazia o

Rei D. Manuel I, a paisagem para o Tejo, para o Bugio e para o mar até onde a nossa vista alcança.

A praia da Sardinha, a praia velha, a praia dos pescadores, hoje praia com acesso permitido a animais de companhia, são nomes das praias fronteiras onde está o edifício dos Socorros a Náufragos, hoje praticamente desativado, de onde partiam os salva-vidas para acudir às muitas ocorrências para que eram chamados, que continuam na memória dos mais antigos.



No antigo largo da Lota, atual Praça Guilherme Fernandes, temos as estátuas de dois grandes atores que escolheram Paço de Arcos para residir, Eunice Muñoz, infelizmente já falecida, e Ruy de Carvalho que apesar dos seus 97 anos continua a fazer o que mais gosta de fazer na vida, representar, que continue por mais alguns anos para nossa satisfação.

Partimos pela Av. Marginal a fora e, com o

Tejo à nossa direita, temos vários prédios à esquerda, alguns já reabilitados e outros à espera para o serem. Num prédio que aguarda remodelação está a funcionar, há décadas, o restaurante Marginalíssimo especialista em Fondue que mantém uma clientela fiel até ao dia em que, inevitavelmente, terá de fechar as portas e mudar-se para novas instalações.



Os prédios já reabilitados, com grande qualidade, aparentemente, só estarão alguns dos seus apartamentos ocupados pelo que depreendemos terem sido adquiridos para investimento e que estão a aguardar a melhor altura para a sua rentabilização. Chegamos a um belo exemplar da arte do azulejo, o chafariz velho, outrora muito importante para quem transitava na estrada marginal, pessoas e animais, que tinham aqui o seu ponto de abastecimento de água, água esta proveniente da mina que descia a encosta.



Segue-se novo corpo de casas, também em reabilitação, estando algumas em processo de venda incluindo a Quinta do Relógio. Esta famosa Quinta, em cujos salões se reuniram grandes figuras da cultura portuguesa, deve o seu nome à existência duma



imponente torre no cimo da qual está colocado um relógio.

De seguida temos outro núcleo de casas senhoriais onde ao longo dos últimos séculos



viveram várias famílias de origem nobre, continuando a presença de alguns dos seus descendentes.

O Hotel Sol Palmeiras veio ocupar duas dessas belíssimas casas fronteiriças ao Forte N^a.Sr^a.de Porto Salvo, também conhecido por Forte da Giribita. Este antigo



forte de defesa da barra do Tejo, está ao serviço do Ministério da Marinha.



Daqui, da chamada curva dos Pinheiros, avistamos o vasto areal da Praia do Lagoal, Caxias, que, tal como todo o percurso entre o Forte de S. Bruno e a Praia Nova de Paço de Arcos, vai ser percorrido pelo último troço do Passeio Marítimo, cujo projeto estará em fase final de aprovação, tendo ficado para o fim pelo maior grau de dificuldade de execução.

Olhando agora para o lado de terra, e antes de novo conjunto de moradias, sobressai o empreendimento da Quinta das Giestas, em fase final de construção, que ocupa

uma das últimas quintas fronteiras ao rio continuando o processo de ocupação de terrenos junto à costa, que em pouco tempo será total.



Chegamos à Quinta do Lagoal, com a sua bela, e bem conservada, casa ladeada pela capela, pelo campo de ténis, e um bem cuidado jardim.

Junto à Ribeira de Barcarena, temos um edifício em ruínas, antiga clínica e lar de idosos, a aguardar decisão superior para reabilitação e afetação a novas funções adequadas à sua localização, e que esperamos possa acontecer em tempo útil, e as oficinas de reparação automóvel da Auto Caxiense, Lda. (oficina Mercedes).



CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

Reparação de máquinas de costura
de todas as marcas

Fanqueiro, Retroseiro e Têxteis Lar

Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS



Passamos para lá do rio, e temos o restaurante esplanada “Baía dos Golfinhos”, na praia do meio, e o imponente Forte de S. Bruno, onde por iniciativa da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, se realizam frequentes eventos culturais. A Voz de Paço de Arcos acompanha esta atividade e dá a sua colaboração em alguns desses eventos. Este espaço está a carecer de obras de recuperação dos efeitos das ondas e das atividades destrutivas de vandalismo a que está sujeito por falta de vigilância. Apelamos por isso à intervenção a quem de direito, nomeadamente à CMO, para, logo que possível, voltemos a ter este histórico espaço totalmente disponível e em condições adequadas de funcionamento.



Atravessamos a Estrada Marginal, avistamos a costa onde novas construções vieram dar um aspeto luxuoso, o antigo edifício do restaurante Mónaco a aguardar a construção dum hotel que já tem projeto aprovado, a estação de Caminho de Ferro e seguimos para o antigo Jardim

das Palmeiras, hoje jardim Municipal de Caxias, dado o desaparecimento das dezenas de palmeiras, quase centenárias, provocado pela doença que as atingiu. Aqui, temos um novo espaço de atividades desportivas e um parque infantil que atraem muitas crianças ao bem tratado jardim, Também, mais recentemente, têm tido lugar feiras de antiguidades que são muito frequentadas.

Um edifício comercial, com várias lojas,



está, de momento, com pouca utilização já que o restaurante que aí funcionava há décadas fechou por vontade do seu proprietário, a fim de proceder à sua venda. Apesar das condições atuais favoráveis, essa venda ainda não ocorreu, mantendo-se fechado, o que se lamenta atendendo à sua necessidade para apoiar a vasta clientela que frequenta o jardim e a praia, para além da população residente que muito o frequentava.

Chegamos ao nosso destino, às antigas





instalações militares e ao Palácio Real de Caxias, espaço com muita história que está em processo de recuperação e construção para instalação de uma nova unidade hoteleira da cadeia Vila Galé. É grande a expectativa da população da vila de Caxias de como vai decorrer, e funcio-



nar esta obra fundamental para a preservação e usufruto de tão rico património atendendo, também, a que ficará ligado ao Jardim da Quinta Real, e ao seu rico



recheio cultural e histórico, como a Cascata, o jardim de buxos e as estátuas em terracota de autoria do grande escultor português Machado de Castro.

Os exemplos anteriores de instalação de unidades hoteleiras em espaços históricos por parte da empresa Vila Galé, são normalmente, referidos como sendo bons, pelo que é nossa grande esperança que, também em Caxias, se tenha um bom trabalho de recuperação, e ligação dos novos elementos aos antigos adequadamente recuperados, e que o resultado final possa orgulhar a todos os intervenientes e que seja também um orgulho para os Caxienses.

Por agora ficamos por aqui.

Texto: José Marreiro

Fotografia: José Mendonça

Leitaria Victória

Doçaria Caseira . Salgados e muito mais...

Praceta Dionísio Matias, 7-loja 2770-051 Paço de Arcos — Tel. 21 443 37 36 (junto ao mercado)

Dionísio Andrade Afonso – O lobo do mar que vive em dois planetas

Alexandre O'Neill, o poeta cujo centenário de nascimento se comemora no próximo mês de dezembro, foi também um criativo e premiado publicitário. O slogan “Há mar e mar, há ir e voltar”, por si immortalizado atravessou o tempo e entrou no léxico dos portugueses.

O slogan viu a luz do dia, nos anos oitenta, no contexto de uma campanha do Instituto de Socorros a Náufragos (INS) para prevenir os afogamentos nas praias portuguesas. O INS e a sua função humanitária estará hoje em foco na nossa entrevista.

“Há mar e mar, há ir e voltar” continua ainda hoje a ser um poderoso e actual grito de alerta. Vejamos: nos primeiros quatro meses de 2024 registaram-se no país 49 mortes por afogamento, o número mais elevado desde 2017, no ano de 2023 morreram 106 pessoas por afogamento, o pior resultado nos últimos sete anos, de acordo com informação disponibilizada pelo Observatório do Afogamento, da Federação Portuguesa de Nadadores Salvadores.

Por trás de cada número há uma pessoa como nós, há sonhos que o mar leva consigo; há famílias desfeitas, o sofrimento sem fim de quem perde um pai, um filho, o homem amado, a irmã querida...

Impõe-se reduzir ao mínimo – se possível

a zero - estas mortes inglórias, sendo que a época balnear que vivemos pode, se não houver conjugação de vontades, levar consigo outras vidas.

A nossa costa atlântica tem uma extensão de 832 km o que dificulta a vigilância; por outro lado, na época de calor, é difícil resistir ao apelo de um mergulho no rio lá do sítio...

Cada um de nós deve ter a perceção dos riscos que corre, ler os sinais de alerta, reconhecer a sua fragilidade face ao omnipotente oceano. Subsiste ainda quem, arrogantemente, despreze a cor da bandeira hasteada, as advertências/ordens dos nadadores-salvadores.

É neste contexto que vamos falar com quem muito sabe da matéria, ouvir os conselhos sábios de

quem conhece profundamente o mar e os seus perigos.

Vamos falar com quem se dispôs a falar connosco desinteressadamente, com quem arriscou vezes sem conta a sua vida para salvar a dos outros. Estas pessoas, pela sua coragem e altruísmo merecem todo o nosso respeito.

Chama-se Dionísio Andrade Afonso (DAA), vive em Paço de Arcos há décadas: nasceu praticamente em cima do mar e



foi, durante 26 anos, patrão do salva-vidas da Estação de Paço de Arcos do INS.

O Instituto pertence à Marinha e foi fundado pela Rainha D. Amélia em 1892; tem atribuições nas áreas do salvamento marítimo, socorro a naufragos e assistência a banhistas, independentemente da sua nacionalidade.

AVPA - Vinte e seis anos de uma arriscadíssima vida profissional dedicada aos outros em condições extremas: viu a morte a rondar, salvou gente, chorou perdas. Que marcas lhe ficaram?

DAA - Muitas. Recordo aqui o episódio que mais me marcou, um naufrágio que ocorreu no areal do Bugio, ainda existia a ilha que, entretanto, foi engolida pelo mar. Um iate holandês encalhou com duas crianças e cinco adultos a bordo. Foi um resgate muito perigoso, a agitação marítima era fortíssima! Conseguimos fazer o reboque usando a pistola lança cabos, esperámos que a maré subisse para que o iate pudesse flutuar, mas a situação foi-se agravando.

Foi necessário largar ao mar em fúria uma jangada com as crianças e os adultos, conseguimos resgatá-los com muita dificuldade, estavam apavorados. Um bebé com dois aninhos, passou-me pelos braços assustado, chorava muito. Foram todos salvos. Foi um resgate de alto risco, houve momentos em que senti que íamos perder alguém, estava muito escuro, não sabia se alguém caíra ao mar, era noite cerrada...

Felizmente, nunca perdemos pessoas que estivessemos a tentar salvar. Recordo ainda um naufrágio com uma embarcação de pesca que vinha da costa africana;

quando chegámos ao local já nada podia ser feito, os pescadores tinham sido cuspidos para o mar, era inverno, mar bravo, não tivemos hipóteses! Morreram três ou quatro pescadores portugueses; se nos tivéssemos aventurado a tripulação do salva-vidas teria morrido. Era preciso ter nervos de aço, decidir rápido, tinha que salvar os meus homens e a minha vida. Era uma sensação de impotência, uma tragédia indescritível.

AVPA – A sua coragem e o seu papel foi oficialmente reconhecido? Há condecorações?

DAA – Sim. Tenho várias condecorações com a tripulação, uma ou outra em nome individual. O que me conforta, mesmo, foram as vidas que salvámos.

AVPA - São heróis anónimos. Os meios técnicos de salvamento eram forçosamente, muito limitados. Imagino o sofrimento da sua mulher, dos seus. Não tinha medo?

DAA – Senti medo, sim! O sentimento do medo é um aviso contra o perigo, para estarmos alerta! Vivi momentos assustadores em que se arriscássemos um pouco mais não haveria retorno. Estávamos sujeitos a tudo e mais alguma coisa e não somos campeões de coisa nenhuma...

Não sei quantos salvamentos fizemos, algumas pessoas, algumas embarcações. Sei que cada um de nós deu sempre o melhor de si, desafiou os seus próprios limites. Era assim no meu tempo, é assim hoje, tenho a certeza!

As condições actuais são incomparavelmente mais seguras. As comunicações são instantâneas, os salva-vidas têm

maior estabilidade, atingem uma velocidade de 20, 30 nós! Nós eramos civis com formação especial. Tudo é mais rápido, mais fácil e mais seguro para os profissionais e para quem está em perigo.

AVPA – Reformado, continua a sair diariamente para o mar e, quando não vai, diz que se sente incompleto. O mar ameaçou a sua vida e a dos seus companheiros, engoliu pessoas que tentava desesperadamente salvar: nunca se zangou com ele? Não lhe apeteceu virar costas e ir uns dias para o campo, sentir o cheiro bom da terra...

DAA – Com todo o respeito: interior... nunca! Quem me tira da beira-mar, tira-me tudo. O mar é o meu mundo, aliás eu até tenho dois planetas: tenho o planeta Terra e depois, tenho outro! Quando vou para o mar tenho outro planeta, entro em órbita, o meu mundo é ali, é ali que eu me sinto bem...

AVPA - Ter dois planetas – que sorte! - é quase um “sereio”. Como explica essa ligação e?

DAA – O mar é uma paixão imensa, é como se fosse uma namorada ...

AVPA – Tem mesmo sorte: tem uma namorada especial que não envelhece, não tem rugas...(risos)

DAA - É uma paixão, uma energia tão grande... não sei se é virtude ou defeito. É uma felicidade imensa, quando entro na embarcação sinto-me tão leve, é como se eu fosse um pedacinho de algo dá aí vou eu, aí vou eu... não custa nada, não se torna pesado, cada vez mais levezinho é uma beleza!

AVPA – O inverno, o frio, a chuva, a agitação marítima, também entra em órbita?

DAA – Aí tomo as devidas precauções, há que ler os sinais de perigo, respeitar as forças da natureza porque não somos heróis, somos frágeis. O frio não importa, temos roupa quentinha...

UMA CASA EM CIMA DO MAR

AVPA – Nasceu junto ao mar, numa aldeia chamada Costa de Lavos, ao sul da Figueira da Foz. Quais as suas recordações do tempo mágico da infância?

DAA - Diziam os meus Pais e os meus irmãos mais velhos que, quando nasci, fiquei praticamente dentro de água porque a nossa casa era a que ficava mais próxima da linha de água. O oceano era logo ali, imenso, o bom gigante. O cheiro da marésia, a música das ondas a rebentarem na areia, os banhos, as brincadeiras sem fim, sempre na água...saudades!

Mais tarde a nossa casa foi engolida pelo mar. Fizeram obras no molhe sul do porto da Figueira da Foz que ficou mais seguro para os pescadores. Isto interferiu com as correntes, o mar começou a escavar a areia, a minha casa foi engolida, mais quatro ou cinco levaram o mesmo caminho.

(Perco-me a falar da Figueira da Foz, a praia de todos os Agostos da nossa - minha e dos meus irmãos - infância e adolescência. O ano inteirinho a sonhar com a praia, o mar, o concurso das construções na areia, o porto e a chegada das traineiras acompanhadas por bandos de gaivotas grasnando!)

AVPA – O mar vive no ADN da sua família, é um amor transversal a todos, irmãos, filhos, filhos dos filhos...



DAA – Pois! Muitos viveram e vivem ligados ao mar. Tenho irmãos que foram mestres de arrastão (mestre é o comandante supremo a bordo da uma embarcação), sobrinhos que foram mestres, o mesmo com os filhos deles. Um dos meus irmãos mestre de um arrastão na doca de Algés, foi, durante cinco anos, o campeão de vendas de pescado.

Conseguir um bom emprego é difícil, na pesca parece que o dinheiro rende mais.

A ARTE DE SALVAR VIDAS

AVPA – Como salvar e evitar a perda de vidas? Sinais de alerta?

DAA – O maior de todos os perigos é ignorar os sinais. Não sabemos o que pode estar abaixo do nível da água, na maré cheia, tudo bem, na maré vazia pensamos que não há perigo mas há rochas, perigosos bancos de areia. As pessoas entram eufóricas na água, como se fossem imortais... Há falta de informação, há quem desvalorize os avisos. Conhecer, conhecer bem, é a condição primeira para voltar a terra. Se não conhecem, perguntem a alguém, a um pescador. Se não houver ninguém para esclarecer, só há um caminho: FICAR EM TERRA. PONTO! Isto fora da época banhar.

Nadar bem é óptimo mas não é suficiente se não formos capazes de identificar o perigo. Mesmo quando o mar está pianinho, sem ondulação, podemos cair num fundão com redemoinhos, podemos ficar tontos, ser “aspirados” para o fundo. Morremos ingloriamente, junto à praia.

Uma regra que salva muitas vidas é nadar sempre paralelamente à praia. Em caso de aflição, é mais fácil pedir ajuda, chegar rapidamente a terra.

Temos obrigação de aprender a conhecer bem as correntes. À vista desarmada é fácil perceber a direcção que seguem. Se a corrente vem do mar para terra, maré cheia, é menos perigosa, o que não significa que seja isenta de perigo, mas arrasta-nos para a praia, para terra firme. A maré vazia é mais perigosa, a corrente vai na direcção, puxa para dentro, somos arrastados para o oceano. Na praia da Torre, por exemplo, se sairmos para lá do Forte de S. Julião, temos possibilidade de nos salvarmos se a maré estiver a encher. Se estiver a vaziar, estamos feitos: a corrente empurra-nos para dentro, afastando-nos de terra. Perigosíssimo! Consultar as tabelas das marés é fundamental para nos orientarmos.

Podemos nadar como peixes, mas se não identificarmos os perigos que nos espreitam, tudo se pode complicar em segundos de forma irreversível. Não podemos armar em campeões, perante à força do mar a nossa fragilidade nada pode.

SURFANDO A ONDA

AVPA - Está no terreno o projecto “SURF & RESCUE”, que faz a ligação entre surfistas, escolas de surf e nadadores salvadores em toda a costa. Preten-

de-se ensinar técnicas de salvamento, de reanimação e de suporte básico de vida, uma vez que os surfistas salvam muitas pessoas ao longo do ano...

DAA – Os surfistas desempenham um papel extraordinário no salvamento de pessoas em apuros. Repare, eles estão no “local do crime” no momento real, o que aumenta a eficácia e o êxito do resgate: a prancha também ajuda muito. A preparação técnica é essencial e esta é uma grande notícia. Surfistas bem preparados salvam mais vidas. Parabéns a quem teve a ideia de criar este projecto!

AVPA – Faz pesca amadora, desportiva...

DAA – Sim, mas já fui pescador profissional. Cheguei a ir para a Gronelândia, para a pesca do bacalhau, tinha dezasseis anitos.

AVPA – Tempos que hoje diríamos surreais... Há testemunhos de arrepiar, a solidão dos pescadores nos pequenos “doris”, sós frente ao oceano imenso e gelado...

DAA - Embarquei para a Gronelândia, seis meses seguidos no mar. A parte pior era para quem ficava nos “doris,” pequenos barcos de madeira, 12 horas à deriva, conforme o vento ou a corrente. Era rara a viagem em que não morria alguém. Entre os 16 e os 19 anos, embarquei três vezes, pagavam muito mal, dormíamos



pior, três, quatro horas por noite. A minha fotografia, tirada na Gronelândia, figura num livro exposto no Museu do Mar, em Ílhavo. Gostava de ver...

Havia quem embarcasse para a pesca do bacalhau para ficar isento de fazer a Guerra Colonial....

AVPA – Falamos numa esplanada de Paço de Arcos, o rio a espreitar, uma vista sublime. O

oceano mora lá mais para o Bugio...

Passam pessoas, saúdam efusivamente o nosso entrevistado, um abraço apertado, palmadinhas nas costas, tocam-lhe no braço, trocam palavras, riem, interrompem a gravação. Aproxima-se mais um amigo, aviso; hoje o Amigo Dionísio fica em terra, não vai para o mar.

Resposta imediata: Está muito enganada! Ele está sempre no mar, mesmo quando está em terra...

Peço-lhe para me explicar o porquê de tantas manifestações de amizade. Digo-lhe que é mais popular do que os jogadores da seleção, do que o Presidente Marcelo (nos seus tempos sem “agitação marítima”). É calmo, bondoso, sábio. Tímido, desvaloriza a popularidade.

DAA – Sabe sou um sortudo, também é da idade.

AVPA - Não, não é da idade. Tem a ver com a sua forma de ser genuíno, solidário...

DAA – Sei lá, não sei explicar. GOSTO

DE GOSTAR DAS PESSOAS. Não é de todas, óbvio... Quando não gosto, saio de cena com diplomacia.

AVPA – Tem um talento especial; cozinha como um Chefe! O seu arroz de polvo é famoso! Recebe-nos bem, parece que estamos em nossa casa. Nunca lhe apeteceu abrir um restaurante por aqui?

DAA – Já tive um restaurante e fui cozinheiro. Quando dirigia a Estação de Salva-Vidas de Paço de Arcos, aprendi a cozinhar e gostava muito. Claro que não era cozinheiro, mas aprendi a fazer comida com outros colegas: peixe frito, caldeirada, arroz de polvo, feijoada de chocos. Só cozinho peixe...

AVPA - Já comi o seu arroz de polvo, acho que descobri o segredo...mas não digo a ninguém.

Recebe aqui muitos amigos, gente conhecida. Quer destacar um nome?

DAA – O maestro António Vitorino de Almeida, esteve cá três vezes. Foi especial, o sentido de humor fino, a palavra fácil, a simplicidade de um homem sábio, as histórias de vida e da música de quem correu mundo...

Há tempo estiveram aqui uns estrangeiros, umas gravações para a televisão, não sei se era a SIC ou a TVI, fizeram perguntas, queriam saber sobre os nossos hábitos, fui apanhado de surpresa...

AVPA – Agradeço a entrevista, estou feliz por ter tido o privilégio de entrevistar um Lobo do Mar em carne e osso! Fica aqui uma amostra do muito que me contou e muito fica por registar. Todas as suas vivências revelam a impressão

digital Humanista de quem “gosta de gostar” de pessoas, de quem, à sua escala, contribui para um mundo menos arrepiante. Obrigada, Amigo Dionísio

Um pedido final em forma de urgência: em nome dos nossos filhos, dos filhos dos nossos filhos, de todos os que virão depois de nós! Respeitemos os oceanos, que cobrem 70% da superfície da Terra, fornecem 50% do nosso oxigénio! Os oceanos acolhem a maior parte da biodiversidade, principal fonte de proteína para mais de um bilhão de pessoas, dão emprego a 40 milhões de almas.

Os perigos são evidentes: a subida do nível das águas que ameaça os Estados insulares e as suas populações, as temperaturas recorde das águas, a pesca excessiva, a poluição descontrolada, milhões e milhões de resíduos de plástico que, no conjunto, têm a dimensão do continente europeu!!!

Olhemos para o Mar como um gigante amigo e não como o caixote de lixo do nosso desperdício; não deixem nas praias fraldas, pontas de cigarros, sacos e embalagens de plástico para todos os (des)gostos.

Todos juntos, somos milhões e a nossa acção individual, por mais insignificante que pareça, é poderosa!

“Passe um Verão desafogado”, a terminar, de novo a genialidade de Alexandre O’Neill.

Tenham um verão feliz, ambientalmente sustentável!

*Margarida Maria Almeida
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

Era uma vez o país de abril

De Viseu a Lisboa: vivia com amigas numa casa de hóspedes das muitas que proliferavam nas Avenidas novas; éramos jovens, rebeldes, apaixonadas pela vida. Supostamente imortais, a vida toda à nossa frente.

Entrara, feliz e confiante, na minha segunda década de vida. Inconformista, politizada, razoavelmente informada. Sonhava um mundo melhor, um homem novo, um país livre.

Lisboa era fascínio e aventura, descoberta e aprendizagem: o grande cinema, os clássicos de todos os tempos nas salas do Monumental, do S. Jorge e do Império; as sessões de filmes de terror, o teatro, os jornais que diziam nas entrelinhas da violência e prepotência da ditadura, as crónicas do Mário Castrim que escrevia divinamente e zurzia com arte e engenho o poder reinante. Lia livros proibidos que escapavam às rusgas policiais, ouvia canções de protesto, braços abertos a tudo o que chegava do outro lado da barricada...

O Estado Novo - na verdade, o Estado velho de mil anos - agonizava...

Vivíamos mergulhados na longa guerra colonial, 14 anos de dor e de morte; os nossos irmãos, amigos, namorados obrigados a matar e a morrer numa guerra que não era sua e da qual muitos discordavam. O preço foi elevado: só do nosso lado, no período 1961-1974, 10 000 mortos, 100 000 incapacitados, 8 000 desertores e refratários.

O mal-estar crescia nas Forças Armadas, era o tempo das lutas estudantis, operárias e da sociedade civil, do movimento dos católicos progressistas, da ala liberal da As-



sembleia Nacional, do isolamento internacional: a ditadura cerrava fileiras.

O Portugal dos anos 70 era um país de uma pobreza ABSOLUTA, de fome, de altas taxas de analfabetismo, bairros de barracas sem luz e sem saneamento básico, emigração massiva, subalternização da mulher, insustentáveis taxas de mortalidade infantil.

Reveremos as fotografias da época – de Alfredo Cunha, por exemplo – e gelamos: no olhar fixo, nos rostos fechados dos meninos descalços não se vislumbra um sorriso, por mais ténue que seja. Meninos sofridos que trabalhavam, cuidavam dos irmãos mais novos, eles ajudavam os pais na lavoura, elas na “lide” da casa, a “servir” em casas abastadas. Meninos e Meninas que não iam à escola, infâncias roubadas. A Igreja confundia-se com o regime, de tanto o apoiar.

A poderosa polícia política, a PIDE/DGS, espiava, prendia, torturava e matava. Humberto Delgado, o jovem artista plástico, José Dias Coelho, destacado membro do Partido comunista, abatido a tiro, pelas costas, em plena luz do dia, numa rua de Alcântara: como esquecer? Como esquecer a existência de um Campo de Concentração no Tarrafal, o Campo da Morte Lenta que funcionou desde 1936 até ao dia 1 de Maio de 1974?

O pensamento livre era proibido pelo Serviço da Censura/Exame Prévio. Apreendiam e queimavam livros, cortavam trechos de artigos de jornais, programas de rádio e de televisão, filmes, música, espetáculos, tudo o que obtusamente suspeitassem ser subversivo!

Aqui chegados, os militares de abril fizeram o que tinha que ser feito: saíram à rua, derrubaram o regime fascista e instauraram a DEMOCRACIA, a liberdade de SER em plenitude.

Nascia a madrugada do dia 25 de Abril de 1974! Escrevia-se História em modo de esperança: generosos militares arriscavam as suas jovens vidas por nós, floriavam cravos vermelhos na ponta das suas espingardas.

O entusiasmo alternava com o receio de que se tratasse de um golpe dos ultras da Kaulza de Arriaga. Cedo percebemos que aquela era uma revolução “amiga”: “Grândola Vila morena” na voz de Zeca Afonso, o “eterno” inimigo do regime não enganava – aquela era a revolução que muitos sonharam, pela qual muitos lutaram.

Este foi o mais bonito de todos os dias da minha vida de cidadã deste país que amo. O privilégio de viver na primeira pessoa a derrota das forças da opressão, o fim de um regime colonialista e belicista incapaz de

ler os ventos da História!

Nascia um herói, SALGUEIRO MAIA, a pureza dos ideais! Nunca lhe agradeceremos quanto baste. O regime rendia-se. Marcelo Caetano, Américo Tomás & famílias partiam sem honra nem glória rumo ao exílio dourado que os capitães de Abril lhes ofereciam.

Naquele dia inaugural calcorreei ruas, avenidas, falei com desconhecidos como se todos fossemos velhos amigos; ofereci cigarros, palavras de apoio aos militares que patrulhavam a cidade enfrentando o frio e a chuva da noite.

Comoção, cumplicidade das gentes nas ruas. Alegria, os vivas à Revolução; a consciência de que vivíamos um momento histórico de viragem; as dúvidas subsistiam, nada estava ainda consolidado. A rua era a nossa casa!

Tempo de vertigem, tudo era novo, empolgante; na televisão a Junta de Salvação Nacional, com ar solene, apresentava-se ao País. Nos ecrãs irrompiam novos rostos, novas vozes, novas ideias e ideais, denúncias de prepotência, de tortura, de sofrimento. A palavra exílio, até então proibida, agigantava-se!

A libertação dos presos políticos da Prisão de Caxias foi um momento épico que comoveu o país que com eles chorou: a alegria da libertação das masmorras, os abraços sentidos e comovidos do reencontro, as histórias pessoais, a coragem, a juventude de muitos dos presos, a força das suas convicções; abriam-se luminosas alamedas da esperança...

Logo regressavam os exilados políticos: Mário Soares, Maria Barroso e a comitiva socialista, Álvaro Cunhal e o seu staff, milhares de portugueses saudavam-no em

delírio. Que festa aquela!

Do exílio chegavam políticos, pensadores, escritores, cantores, intelectuais, saudosos do País que foram forçados a abandonar.

De um dia para o outro passámos de orgulhosamente sós a orgulhosamente acompanhados. A Revolução dos Cravos dominava os noticiários internacionais, jornalistas invadiam Lisboa, queriam perceber esta revolução original e a singularidade do golpe militar único no mundo em que os vencedores prometiam entregar o poder aos civis depois de cumprido o Programa do Movimento das Forças Armadas/MFA: eleições livres, uma nova e humanista Constituição da República, os três Ds: democratização, descolonização e desenvolvimento....

O primeiro 1º de Maio em Liberdade, 100 mil pessoas nas ruas de Lisboa. Na Alameda, o abraço dos gigantes: Soares e Cunhal a falarem ao povo português, fazia-se História. Rios de gente feliz, naquele dia do trabalhador declarado feriado nacional.

A paz, o pão, a habitação, saúde, educação, os direitos das mulheres, eleições livres, uma Constituição que escreve a letras de ouro os nossos direitos fundamentais...

Para todos os que fizeram abril acontecer, para os jovens e românticos militares de abril, HERÓIS generosos da minha juventude, um COMOVIDO e IMENSO OBRI-GADA!

CINQUENTA ANOS PASSARAM!

Com eles passou também a parte mais substancial da minha vida, das vidas dos que viveram a Revolução dos Cravos.

Foi tudo perfeito? Não, não foi perfeito. Há um mundo de medidas para implementar em nome da dignificação da vida

dos Portugueses, por uma sociedade inclusiva e justa. Urgem políticas de transparência, de proximidade, políticas amigas do cidadão e do Ambiente!

O mundo mudou, Portugal é hoje um País Novo. Somos membros de pleno direito da União Europeia – um projeto revolucionário, um projecto de paz que nasceu numa Europa devastada por duas guerras mundiais muito próximas no tempo. Temos um Serviço Nacional de Saúde, a escola democratizou-se, meio milhão de jovens frequentam as universidades num país que em 1974 tinha uma vergonhosa taxa de analfabetismo; em 1970 31% das mulheres não sabiam ter nem escrever...

Tanto caminho andado, tanto caminho para andar. Tantos avanços, tanto para conquistar, para lutar nestes dias de chumbo em que as nossas instituições estão sob fogo e não dão resposta à pobreza que cresce, à saúde que falta...

Agigantam-se novos e sofisticados Adastores - um planeta em fúria e agonia, a inteligência artificial, a extrema-direita em alta, intermináveis e mortíferas guerras...

Cinquenta anos depois, desfilo livre na Avenida da Liberdade, uma entre meio milhão de pessoas. Um sentimento de pertença entre gente livre que se identifica com os valores da Declaração Universal dos Direitos do Homem!

Na avenida, um oceano de jovens solares rasga caminhos de esperança. São cidadãos do mundo, desfilam seguros, nos olhos os valores de abril, promessas de um futuro sem grades.

*Margarida Maria Almeida,
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

Porque celebramos Camões 500 anos depois?

*Os olhos turvos para o céu levanta,
e já no arranco extremo: – “Pátria, ao menos
juntos morremos...” E expirou co’a pátria.*

Almeida Garrett. Camões (1825)

*Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutrora ascende, num pilar!*

Cesário Verde. “O Sentimento dum Ocidental” (1880)



No Largo Camões, em Lisboa, ergue-se o monumento ao poeta que lhe dá o nome: o vate em bronze de 4 metros coroadado de louros e com uma capa pelas costas, a mão direita empunhando a espada caída e a esquerda agarrando a si *Os Lusíadas*. Em torno do pedestal de mármore branco de 7,5m de altura, 8 estátuas, de pedra de lioz, de 2,40m de altura, representam notáveis da cultura, das letras e da ciência dos sécs. XVI e XVII: os cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara, João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda, o cosmógrafo Pedro Nunes e os poetas Vasco Mouzinho de Quevedo, Jerónimo Corte-Real e Francisco de Sá de Meneses. O conjunto é da autoria do escultor Victor Bastos (1860, inaugurado em 1867, como a praça, e celebrado em 1880), foi pago por subscrição pública (foram trinta e oito contos), preparando as comemorações do terceiro centenário da morte de Camões (1880), promovidas por Teófilo Braga com o apoio de João de Deus, Antero de

Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão.¹

Em Coimbra, os Estudantes da Universidade de Coimbra promoveram, em 8/Maio/1881, o monumento de homenagem homóloga da autoria de António Augusto Gonçalves: uma coluna encimada por uma coroa de louro em bronze sobre um pedestal e com uma estátua de leão em bronze com a cabeça levantada. Inaugurado em 8/Maio/1881, próximo da Porta Férrea, foi desmontado em 1948 e foi reerguido em 1983 na Rua do Arco da Traição, tendo sido novamente transferido para a Av. Sá da Bandeira (faixa central) em 2005.

Segundo o Visconde de Juromenha, o “Príncipe dos Poetas” teria falecido em 10 de Junho de 1580, de acordo com um documento sobre a concessão da pensão à Mãe pela sua morte. E essa será a data que fundirá definitivamente o destino do poeta e da pátria (derrotada em Alcácer Quibir, 1578), irmanados na tragédia e na inicial (Poeta, Portugal, Pátria)

maiusculadas, na dramática representação garrettiana que epigrafa este texto e que informa *A Morte de Camões* (1824), de Domingos Sequeira, distinguida no *Salon* de Paris com a Medalha de Ouro. Uma dupla tragédia que Junqueiro envolve no sudário de *A Pátria* (1896), réquiem pel’“a ditosa pátria minha amada” que em crístico Doido se simboliza, esse “gigante”-Génio-“[outrora] Arcanjo refulgente” “[r]ôto, cadavérico, longa barba esquelética, olhos profundos de alucinado” (Guerra Junqueiro) emergindo em grito-choro “contra a [tempestuosa] noite do Destino” que reúne Junqueiro e Gomes Leal...

Em 1879, Joaquim de Vasconcelos propôs a comemoração do Tricentenário da morte de Camões na Sociedade de Geografia de Lisboa, em janeiro de 1880, Teófilo Braga colocou o tema na ordem do dia (com a série de textos “O Centenário de Camões em 1880”, no jornal *Comércio de Portugal* (8, 9 e 10/Jan./1880) e, em Abril, criou-se uma comissão para a organizar, com destaque para J. C. Rodrigues da Costa, Eduardo Coelho, Sebastião de Magalhães Lima, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Jaime Batalha Reis, Luciano Cordeiro, Rodrigo Afonso Pequeto.¹¹

Camões como símbolo da comunidade marcada pela oscilação entre luzes e sombras, épica e tragédia, e o dia 10 de Junho de 1880 como “o começo de uma era nova” da “democracia portuguesa”¹¹¹ ... numa Europa de circunstâncias cada vez mais favoráveis à ocorrência do *Ultimatum* inglês (1890) e onde Portugal, do desalento d’“O Desterrado” (1972), de Soares dos Reis, parece agigantar-

-se, agonicamente, como “povo (de) suicida(s)” (Miguel de Unamuno, Manuel Laranjeira) pelo gesto de intelectuais marcantes (Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Mouzinho de Albuquerque, Soares dos Reis, Júlio César Machado, Silva Porto, Manuel Laranjeira...).

No tricentenário^{VI}, em 1880, foi apoteótica a trasladação dos restos mortais dos 2 heróis Luís de Camões e de Vasco da Gama através do Tejo, conduzindo a população aos Jerónimos, como reporta, dentre outras, a revista *O Ocidente* (N.º 60, de 15/Jun./1880). Dominava o sentimento de que a Europa está com olhos postos nessas festas.

As representações de Luís de Camões variam entre o grande Poeta, “o novo santo de Lisboa” (*Ilustração Portuguesa, Lisboa*, 2ª série, vol XI, 1911, pp. 780-81), o Génio trágico d’ *A Fome de Camões* (1880), de Gomes Leal, o naufrago “salvando um livro a nado” (“*O Sentimento dum Ocidental*”, 1880), de Cesário Verde. Cruzam-se e convivem com a memória comunitária as diversas perspectivas da elite literária, por vezes, inspirada nas petrarquistas italianas (1874) e nas homenagens francesas aos “génios do século” (Voltaire, Rousseau, Diderot, d’Alembert, Condillac e Adam Smith).

E porquê este consenso em torno deste Poeta? E o consenso na homenagem a ele?

Primeiro. Porque é um autor maior do nosso Cânone literário. Um Clássico no duplo sentido da palavra e tal como Italo Calvino, Harold Bloom, George Steiner e outros o afirmaram: dos que relemos, referimos e consagramos nos

nossos programas académicos, mas, também, expoente destacado da nossa Renascença.

Segundo. Porque nele convergem o singular e o plural, a figura e a paisagem: consubstancia e simboliza o país entre a euforia e a disforia, a paixão e a morte, o heroísmo e a tragédia, e sintetiza magistralmente a linhagem de varões com “numa mão a espada e noutra a pena”, figurações humanistas pontilhando a História luminosamente e inscritas como símbolos de uma sua hermenêutica.

E, nesse enlace, ele também protagoniza paroxisticamente a confluência genológica (tragédia, épica e lírica) “[n]a história funesta, inexorável,/ do Génio morto à fome, indignamente” e o “o choro masculino/ Do Génio contra a noite do Destino!”^v

Terceiro. Porque a sua obra, em especial, a épica, constitui uma verdadeira “enciclopédia da tribo” (Eric Havelock) ou “livro de cultura” (Iuri Lotman): “cápsula do tempo”, sintetiza o imaginário, as sensibilidades, os saberes e a gramática da cultura da sua comunidade, oferecendo-se como um “observatório” do seu momento histórico e um “museu imaginário” (André Malraux).

Quarto. N’*Os Lusíadas*, Camões faz a

ponte entre o mundo antigo e o seu contemporâneo alvorecer do futuro: na cartografia, na cosmovisão, na viagem para além do “*mare clausum*” dos Argonautas e afins, na caminhada em direcção ao “V[er], claramente visto” (*Os Lusíadas*, C. V, Est. 18) anunciador da Revolução Científica... Na Ilha dos Amores, a encenação do duplo prémio reunindo o amor e o conhecimento, culminando com a epifânica “Máquina do Mundo”, retoma os velhos mitos e anuncia uma nova progénie gerada na união entre o humano (nautas) e o divino/sobre-humano (ninfas), uma nova Humanidade, a do Futuro!

Quinto. Camões tem a capacidade de *comover* os leitores, de *mobilizar* as massas, com textos em que o Povo “se mira” (Almeida Garrett), novos espelhos de autoconhecimento e formativos da comunidade (não apenas dos Príncipes) renovadores dos laços sociais, geracionais, transversais. Expressão disso, no 3º Centenário, Teófilo afirmou serem *Os Lusíadas* um bastião da nacionalidade, desde a Restauração à Revolução liberal e ao ideário republicano, bebendo no velho “Evangelho Português” mencionado por Fernão Lopes (*Crónica de D. João I*, cap. 159) e mais atrás ainda, na “Nova Aliança” de Ourique, pedra an-



CONSULTORIA DOCUMENTAL

Serviços de Confiança

APOIO A IMIGRANTES

Tlm: (351) 935 958 044 | (351) 935 958 046 | Tel. 218 207 874 | contato@ssdocumental.com

Centro Comercial Carcavelos - piso -1 lj. 4 | www.ssdocumental.com | 2ª a 6ª das 09 às 18h - Sábados sob marcação

gular do mito nacional onde o programa histórico se sintetizara, anunciando a independência e o império:

“Na eloquência dos factos, em as três Revoluções de 1640, 1820 e 1910, em que Portugal reconquistou a sua autonomia e reassumiu a soberania nacional, *Os Lusíadas* actuaram como o livro que conserva a tradição de uma raça; bem merecem o título de *Bíblia Lusitana*, que sintetiza a sua potência moral.”^{VI}

Enfim, outras razões poderia elencar nesta lista cuja vertigem é inevitável face a uma obra tão central, expressão mais do que nacional e peninsular, mas também de uma Europa em busca de si no que a excede, na sua ânsia de “mais azul” (Mário de Sá-Carneiro).

Suspendo-me.

Que as comemorações dos 500 Camões desenvolvam a reflexão, seja por impulso de iniciativa governamental (a Comissão Nacional nomeada *ad hoc*), seja por impulso de iniciativas da sociedade civil (com destaque para a Exposição Universal da Matriz Portuguesa – CAMÕES 500 Anos, que coordeno^{VII} ... e leia-se Camões!

E celebremos, também, o 45º aniversário de “*A Voz de Paço de Arcos*”, aniversário de missão pela cultura!

Annabela Rita



 Paulo Pinto Caricaturas

Paulo Pinto (Pinto Caricaturas):
www.instagram.com/pintocaricaturas

I Mário COSTA. *O Chiado pitoresco e elegante, Histórias, Figuras, Usos e Costumes*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, 1987, pp. 68-70.

II Cf. Teófilo Braga, *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Vega, 1983, p. 163-164. Alexandre Cabral, *Notas Oitocentistas – I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980, p. 63.

III Teófilo Braga. *Camões e o Sentimento Nacional*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1891, 275-8.

IV A mais importante do ciclo que Maria Isabel João analisa em Memória e império. *Comemorações em Portugal: 1880-1960*. Lisboa, Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

V Gomes Leal. *A Fome de Camões*, Lisboa, & Etc., 1979, p. XII.

VI Teófilo Braga. *Camões. A Obra Lyrica e Épica*, Porto, Livraria Chardron, 1911, pp. 742-3.

VII Cf. <https://www.exposicao-universal-da-matriz-portuguesa.pt/2024-camoes-500-anos/>.

Homenagem a José Marreiro, Diretor do nosso Jornal

Foi uma justíssima homenagem aquela que se fez no sábado, dia 29 de junho, no restaurante Chá da Barra Villa, no Palácio do Egípto, em Oeiras, ao diretor do nosso jornal, José Marreiro.

Agregador nato, apaixonado pelas relações humanas, homem vertical e de ação que muito tem feito pela nossa região, conhecedor profundo da história e do património de Paço de Arcos e localidades limítrofes, deve-se a ele estar ainda vivo, e a comemorar 45 anos de vida, “A Voz de Paço de Arcos”.

O almoço de homenagem, organizado pelo filho Miguel Marreiro, Catulina Guerreiro, Isabel Folgosa, Margarida Maria Almeida e Arlete Fonseca, reuniu dezenas de amigos de longa data e alguns membros do nosso jornal. De referir a presença de José Mendonça, que tem sido um importante dinamizador da poesia em Oeiras. Houve momentos de entretenimento e de boa disposição, com o cantor Jorge Mendes, acompanhado de José Augusto Coelho, a cantar canções bem ao gosto do homenageado, como a conhecida canção de Zeca Afonso “Traz Outro Amigo Também”. No fim o pianista e compositor Robertes Araújo, já com 94 anos, esteve ao piano a encantar os presentes com o seu talento.



Com boa disposição, José Marreiro disse, referindo-se ao facto de lhe terem ocultado a homenagem até ao último momento, que nunca tinha sido enganado por tanta gente. O filho Miguel dedicou-lhe palavras de grande admiração, sentindo-se gratificado e feliz por ter o homenageado como pai. Tomou também da palavra, para elogiar o diretor do nosso jornal, Maria Margarida Almeida. Resta-nos desejar que um homem com tantas qualidades continue a cumprir com paixão e empenho a missão de agregar a população da nossa região, isto num tempo em que, infelizmente, são muitos aqueles que preferem separar em vez de unir.

Jorge Chichorro Rodrigues





Programa da comemoração do 45º Aniversário

A Associação Cultural A Voz de Paço de Arcos comemora o 45º aniversário do seu Jornal, nos dias 13 e 14 de julho de 2024, com um evento no Auditório José de Castro, de acordo com o seguinte programa:

Dia 13 de julho, sábado

- 10h00 - Inauguração da exposição
A Voz de Paço de Arcos
- 10h30 - Programa dedicado às crianças
Contos: pela Livraria
 GATAfunho
- 15h00 - Poesia e Música
- 17h00 - Sessão evocativa do 45º Aniversário
com o Jornalista e escritor Fernando Dacosta

Dia 14 de julho, domingo

- 17h30 - Encerramento da exposição
A Voz de Paço de Arcos

N.B: Assista também à sessão de cinema que se inicia às 15h30, com o filme “Um Barco e Nove Destinos” de Alfred Hitchcock, de 1944, integrado no programa Hitchcock, promovido pela C.M.O.

José Marreiro
(Pres.Direção ACAVPA)

A sempre amada Voz (Memórias de uma vivência)

Facto curioso: foi há precisamente 45 anos, em 1979 portanto, que me mudei de Lisboa – onde vivia desde o início do meu segundo ano de vida – para Paço de Arcos.

É certo que não comecei de imediato a colaborar com A Voz. Mas não deve ter sido muito tempo depois...

[Aos amantes da investigação histórica lanço um desafio, se tiverem interesse no tema: primeiro, descubram em que ano se procedeu, nas instalações dos Bombeiros Voluntários, à entrega de prémios relativos a uns Jogos Florais em que o saudoso Igrejas Caeiro declamou o poema vencedor do Prémio de Poesia – de cujo Júri faziam parte, que me lembre, o próprio Igrejas Caeiro, Ilse Losa e o meu saudosíssimo Joaquim Coutinho. Eram versos sobre Amor, Liberdade e o voo de um Cavalo Branco... Descobriram? O autor desses versos sou eu. E a partir daí o Amigo Coutinho nunca mais me largou...]

A minha colaboração com A Voz foi diversa – tanto quanto me possibilitava o meu trabalho, que quase sempre consistiu em andar pelo país fora a fazer reportagens e entrevistas para o órgão de comunicação interna de uma grande empresa. Não estava, por isso, disponível para “ir a todas”, como o Amigo Coutinho queria e precisava que fossem todos os que se dispunham a ajudá-lo.

Versos, era o que ele fundamentalmente me pedia. Quase sempre com um tema. Era um qualquer evento em que se homenageava Alguém; eram o Ano Novo, o Carnaval, o 25 de Abril, o 1º de Maio, o Verão, o

Regresso às Aulas, o Natal, o aniversário do nascimento ou da morte de um ou outro personagem mais distinto da nossa História, da nossa Cultura... Não esqueço o modo encantado como recebia as minhas contribuições, habitualmente espantado com a qualidade que atribuía aos meus versos produzidos sob encomenda – circunstância que ele valorizava sobremaneira! Tanto que até esquecia que por vezes tinha de me telefonar, aflito porque estava a contar comigo e tinha guardado o espaço, nas vésperas de fechar o jornal e lá escrevia eu o que conseguia, à pressa; e depois metia-me no carro e ia de propósito de Lisboa (para onde tinha voltado) a Paço de Arcos para lhe deixar os textos por debaixo da porta, na caixa do correio ou nas mãos da sua Companheira, quando esta estava em casa; ou de um dos seus filhos.

[está bom de ver que após ter vivido doze anos em Paço de Arcos voltei para Lisboa; e depois seguiram-se Almada, de novo Lisboa, Aveiro, de novo Lisboa e por aí fora, num complexo esquema de mudanças geográficas e de humor. mas o Amigo Coutinho reencontrava-me sempre, mesmo antes de começar a haver telemóveis e redes sociais...]

Fora os versos, pouco mais fiz, digo eu.

Lembro-me de ter entrevistado, em anos sucessivos e na oportunidade de mais um aniversário dos Bombeiros, o respetivo Comandante – para colher elementos sobre o



balanço que havia a fazer e o que se projetava para o futuro.

Entrevistei o saudoso e na altura aplaudidíssimo Badaró (Manlio Hedair Badaró de seu nome completo – e o que nos rimos durante a entrevista a propósito do Manlio...), que vivia também na região e que no decurso de um jantar de trabalho (ali, n’Os Arcos) me encheu de informação sobre os seus sucessos e frustrações. Uma destas tinha a ver com um daqueles: “No Brasil, com o Chinezinho Limpopó, já estaria rico, amigo!”, lamentava-se com um sorriso porque, afinal, ele não pensava sair daqui, deste país pequenino e com pouca margem de lucro, já que era “disto” que gostava. O conteúdo que acabou por sair n’A Voz foi extremamente exíguo relativamente à riqueza da entrevista – resultado da eterna falta de espaço disponível e, vamos lá, fruto também da inexistência então de meios que permitissem o armazenamento de todas as palavras num pedaço de éter sempre ao dispor... Ficou-me um momento de entre tantos em que a sua absoluta franqueza me impressionou: quando o confrontei, admirado, com o perfeito português europeu que falava e que contrastava com o retinto português do Brasil que usava nas suas atuações em público, retorquiu-me “homem, se não fosse o sotaque brasileiro eu teria muito menos audiência ainda! tem mais impacto! vende mais!”. Mais coisa menos coisa, mas neste sentido exato. Grande Badaró (que não gostava nada de ser Manlio mas que, ainda assim, achava que poderia haver nomes piores...)!

Estive quase a entrevistar o também saudoso Nicolau Breyner, que viveu uma temporada em Caxias. E só não o entrevistei porque, uma vez conseguido o contacto te-

lefónico para a casa onde era suposto estar, fui informado que ele tinha saído há duas semanas para comprar tabaco e nunca mais tinha voltado...

Mas do que eu gostava mesmo mais era das conversas que tínhamos, por telefone ou quando, esporadicamente, o visitava na mercearia que tinha ali encostada ao Cais do Sodré. Era um homem solidário, íntegro, respeitador, sábio. E em todas as interações que tivemos desde o primeiro dia em que me abordou para colaborar com A Voz foi-me ensinando a estar sempre feliz por estar ligado.

[e estou. disponham.]

Depois... bem, depois a inefável (tão saudosa) Maria Aguiar fez a ligação com o Futuro, agora Presente.

E fui continuando a colaborar (pouco, sempre pouco) e a acompanhar A Voz, de cuja Associação Cultural sou orgulhoso sócio fundador.

E aqui estou – agora a cerca de 300 quilómetros, numa Aldeia (Souto da Casa) do Concelho do Fundão, Distrito de Castelo Branco – onde, de vez em quando, recebo um estímulo em forma de abraço (ou vice-versa) do Amigo José Marreiro, que me solicita isto ou aquilo e que me pede para não esperar pelos seus pedidos, pois terá sempre gosto em receber a minha colaboração.

E eu fico sempre a pensar nisso. E macacos me mordam se um destes dias não me convenço a arranjar forma de enriquecer ainda mais as páginas d’A Voz. O Interior e o Litoral de mãos dadas, seremos Nós, então. Em respeito pela História, pela Memória.

António Manuel dos Santos

Jornal “A Voz de Paço de Arcos”: a Voz da Comunidade

Numa era em que a informação é consumida com a voracidade de um clique e as redes sociais dominam o panorama mediático, os jornais locais parecem ser relíquias de um passado distante. Contudo, a sua importância permanece imensurável, especialmente para as comunidades que servem.

O Jornal “A Voz de Paço de Arcos” (VPA), enquanto jornal local, adquiriu e consolidou o seu papel de guardião da responsabilidade cívica e de cronista do que escapa ao radar dos meios de comunicação globais. Assim, as notícias, os estudos sobre temas da história e do património locais, as reflexões e os textos de índole ensaística, sobre os mais variados temas, ganham destaque e proporcionam uma sensação de pertença e identidade comunitária incomparáveis.

É esta diversidade de vozes, incentivada pelos esforços de notáveis e resilientes dinamizadores (fundadores, editores, diretores, etc.) um dos pilares da longevidade e do contínuo interesse que o Jornal VPA continua a suscitar.

O jornal VPA, mais do que simples veículo noticioso, é o coração pulsante da comunidade que representa, pois incentiva a participação cívica e preserva a diversidade de vozes que contribuem para cada novo número.



Alexandra de Carvalho Antunes

grau de imaGnação www.grau.pt

DESIGN	PRODUÇÃO
Gráfico Catálogos, brochuras, flyers Design de embalagens Criação de logótipos Design editorial Merchandising Estacionários	Digital Pequeno e grande formato
Web Criação e manutenção de websites	Offset Pequeno e grande formato
	Serigráfica
	Têxtil

Alameda do Sabugueiro, 5A, Murganhal, 2760-128 Caxias
Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

E assim se concretizou um sonho...

Foi numa noite de trabalho do executivo da Junta de Freguesia de Paço de Arcos que nos encontramos com Armando Garcia, Joaquim Coutinho e Vítor Faria que tinham pedido uma reunião para apresentação de uma proposta.

Entraram, sentaram-se e, sem mais delongas, o Coutinho apresentou uma folha A4 onde tinham elaborado uns textos e a razão da existência daquele “jornal”, Defensor dos Direitos das Crianças e da Vila de Paço de Arcos a ser feito e entregue no já proximo Dia da Criança -1 junho 1979, contando para tal com o apoio da Junta de Freguesia.

Lemos e surpresos perguntámos porque não uma iniciativa com mais páginas, maior, quanto ao apoio estava garantido por este Orgão Autárquico (o executivo era composto por 5 elementos, 3 do partido Socialista e 2 do Partido Comunista).

O trabalho foi concluído, entregue, escrito à máquina e fotocopiado na Junta. Quanto à sua entrega seria feita porta a porta pelos proponentes do Jornal, que assim tinham a garantia que seria lido, também pelos que não tinham capacidade de se deslocar.

E foi um êxito!!!

Paço de Arcos já tinha um JORNAL!



Desde esse dia, não mais se parou, era necessário fazer mais e melhor para defender os interesses de Paço

de Arcos e das localidades mais próximas indo contactar o que tínhamos de melhor e era tanto...

A história dos locais antigos, o desporto e os seus HERÓIS, passados e presentes, a cultura (escritores, pintores, investigadores), as Associações Humanitárias, Desportivas, Culturais, as Escolas, os Escuteiros, a Paróquia e toda a população que com Bairrismo ama e defende, a SUA terra.

As páginas foram aumentando, o número de publicações também, era mais duro entregar a toda a população, mas estimulante...



LER ONLINE

**A LIBERDADE DE LER “A VOZ DE PAÇO DE ARCOS”
NO FORMATO DIGITAL**

**Digitalize o código ou aceda a
avozdepacodearcos.org**

LEIA - ASSINE - COMPARTILHE

Outros eventos surgiam por iniciativa do jornal, Exposições com a presença artistas residentes (Vitor Camara, Martinez, Barral, Elisário, Joaquim Correia...) e amigos; em locais a valorizar, Clube Desportivo, Parque de Viaturas do Quartel dos Bombeiros Paço de Arcos, antiga sede BES, e que levaram tantos artistas da nossa terra a reunirem-se e a formarem a sua própria Associação, festas com artistas para as Crianças nas escolas, no jardim Municipal, Colóquios sobre assuntos relevantes, palestras, apoio aos Grupos ou Associações de Crianças, Idosos ou Carentiados, Concursos, livros sobre Paço de Arcos, outras brochuras e o famoso livro de Banda Desenhada, “O Patrão Lopes”, escrito por Joaquim Coutinho e editado pela CMO.

A “Figura do Ano” forma de acarinhar e reconhecer em cada ano quem mais se envolveu pelos Outros ou pela cultura.

As esculturas do José de Castro na Praça 5 Outubro, perpetuando um dos nossos maiores actores e a da heróica Maria Telles/guarda-linha, que deu a vida para Salvar outra, na travessia da linha do comboio, realizadas somente com o contributo dos Fregueses e a dádiva do Professor e Escultor Joaquim Correia.

Foi junto á estátua do José de Castro, que o muito sonhado Centro Cultural em Paço de Arcos, foi prometido pelo presidente

Isaltino de Moraes e só agora concretizado em 2023.

Anualmente, para honrar o grande artista José de Castro, realiza-se uma actividade cultural a pedido do Jornal e apoiada pela CMO, até agora no salão nobre do Clube Desportivo de Paço de Arcos, e doravante passará a realizar-se na “sua” Casa da cultura, Auditório José de Castro.

E assim o Jornal “A Voz de Paço de Arcos” cresceu, passou a ser indispensável na leitura dos Fregueses que através dele seguiam o que se passava na sua Querida Terra, e estavam presentes com o seu bairrismo nas iniciativas que se organizavam.

Teve dificuldades, e não poucas, mas acima de tudo um espirito de isenção e uma enorme dádiva dos seus fundadores, colaboradores e apoiantes.

Aqui não posso esquecer uma pedra fundamental, o JOAQUIM COUTINHO, com a sua discricção, persistência, espirito de sacrificio, trabalho, sempre lutou para que o Jornal “A Voz de Paço de Arcos”, fosse muito bom, pontual e lido por todos.

Foi para mim muito marcante ter estado desde o início neste sonho, concretizado.

Sou uma leitora assídua e agradeço com todo o coração à equipa que o continua e o ama como os fundadores.

Bem Hajam!!!

Aline Bettencourt

RESTAURANTE
Borges

Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)
B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos

TAKE-AWAY
ENCOMENDAS 214432659/938499790
Taxa de entrega 3,50€, gratuita a partir de 25€
Horário: 12/15h - 18/21h Seg. a Sáb | 11/15h Domingo

Mapa de localização: Paço de Arcos, Escola Náutica, Bairro J. Pimenta, Margem, Estoril (Carcas), Lisboa.

MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS

Lembrando Maria Aguiar

Pelo percurso longo do Jornal A VOZ DE PAÇO DE ARCOS, há muita gente para recordar, porém, hoje, aprez-me lembrar de MARIA AGUIAR LANÇA-COELHO, com quem convivi vários anos.

Este jornal, que teve como um dos grandes obreiros JOAQUIM COUTINHO, também já falecido, traz sempre nas suas páginas, boas notícias destas terras de Oeiras, boas crónicas e entrevistas, contando desde sempre, com a participação de gente culta, erudita, sabedora e singular, nos temas que nos oferecem para ler, ou para degustar, na tranquilidade dos nossos dias e do nosso lar. Jornal que conta também com a grande entrega e trabalho de José Marreiro, homem de letras, astuto e perspicaz, há muito na direcção do mesmo.

É aqui que surge MARIA AGUIAR, mulher de grande cultura, nascida em Lisboa, a 27 de Junho de 1929, mãe de três filhos e senhora de grandes saberes. Ao longo de anos prestou também grande colaboração a este jornal e participou em importantes actividades poéticas, sempre com muito interesse e carinho. Maria Aguiar mostrou, desde criança, dotes para a música, para a declamação (o que compartilhou com



os grandes declamadores Lerenó e Villaret) e liga-se ao teatro (Conservatório) e à Companhia de Teatro de Amélia Rey Colaço. Alguns anos passou no Instituto Francês e no Britânico.

Lembrar, aqui e agora, Maria Aguiar é um privilégio e uma honra, mas não podia recusar este pedido de colaboração, de José Marreiro, já que, desde 2004, participei, a convite de Maria Aguiar,

no Clube de Poetas de Paço de Arcos, com sessões semanais da Tertúlia, e com vários amigos e colaboradores, dizendo e discutindo, poemas, textos e autores de sempre e contemporâneos, e publicando 3 antologias de poesia.

Maria Aguiar deixou-nos aos 90 anos, a 2 de Fevereiro de 1919.

Logo após a sua morte dediquei-lhe um soneto, que publiquei no meu livro, “O Verso e a Metáfora” e neste Jornal, que começa assim:

*Partiste minha amiga e confidente
Já com idade longa nos deixaste
Sofri pelo desgosto o quanto baste
Pois tu nunca mais estarás presente.*

(...)

*Mário Matta e Silva
Professor reformado e poeta*

Aprendizagem ao longo de toda a vida

Na Livraria Municipal Verney, 13 de junho, depois da Tertúlia, “Atenção aos Outros e a Associação de Solidariedade Social de Professores”, apresentado pela Presidente da Associação, o Diretor do jornal bimestral, A Voz de Paço de Arcos, José Manuel Reis Marreiro, convidou-me, com simpática insistência, para escrever uma peça para o próximo número. Ao recordar a fundação do jornal em 1979, as trocas de impressões, construtivas e motivadoras com Joaquim Coutinho, um dos três Fundadores, e números dos anos 2000 (fev/mar – “Tomada de Posse da Nova Direcção dos Bombeiros.”) e 2001 (out/nov – “Escola Militar de Electromecânica.” e “Abrangências da Qualidade nas Sociedades de Risco. Contributos para Certificar Corpos de Bombeiros.), aceitei de imediato o convite.

O título da peça baseou-se em três considerações: a) Entrevista da Dra Eduarda Oliveira (Médica de Pneumologia com formação, e prática, como Artística Plástica), Diretora da Universidade Sénior de Oeiras, publicada no jornal Nº 52, abril de 2024, donde saliento, “A USO é fixe, amiga, um permanente desafio à criatividade, à diversidade do saber. A cultura, as artes fazem de nós pessoas mais completas, iluminam as nossas vidas”; b) Editorial, “Oeiras nunca deixou de cumprir e fazer cumprir Abril”, do Dr Isaltino Morais (licenciado em Direito), Presidente da CMO, publicado no Boletim Municipal, Oeiras Atual, de março – abril de 2024, “Se a realidade de hoje é a conhecida, somos referência nacional (...), tal deve-se a uma experiência política única, em matéria de capacidade de fazer e de fazer bem feito, e num esforço constante

de encontrar os consensos que nos fizemos progredir”; c) Trabalhos do autor desta peça, publicados em 2022 no jornal

mensal A Voz de Ermesinde: Envelhecimento Saudável – Aprendizagem ao longo da vida. (31mai); Bombeiros – Novo Conceito. Assumir mais Prevenção. (31out); Importância da Aprendizagem em todas as Gerações. Jovens e seniores de hoje – 2022/2023 – Que Futuro? (30nov); Fortalecer a colaboração institucional entre Escolas Técnicas, Institutos, Universidades (públicas, privadas e militares), Associações, Sindicatos e Empresas. [15dez (1ª Parte) e 31dez (2ª Parte)]. Deste conjunto de quatro trabalhos, saliento o último parágrafo do terceiro, “A terminar confesso que aprendi muito na preparação deste artigo! Quando em maio trabalhei, ‘Aprendizagem ao Longo da Vida?’, como âmbito integrado em Envelhecimento Saudável, considerou-se que toda a aprendizagem, formal, informal e não formal, era importante para os seniores. Agora, depois de tantos desafios para ajudar a melhorar Portugal é preciso pouca sabedoria para justificar que as evidentes mudanças de comportamento exigem disponibilidade para aprendizagem em todas as gerações”.

Na sequência da Introdução, preparada como desafio para os leitores se envolverem nas considerações, seguem-se cinco resumos pretendendo contribuir para uma visão mais humanista e mais agradável de Paço de Arcos e de Portugal como se



infe do Estatuto Editorial do jornal.

Os resumos são saboreados em termos de esperança na sua aceitação e concretização, tendo em vista que o percurso curricular do autor permite informar que em 1988 (TCor TecManTm do Exército), ingressou como estudante trabalhador no curso de licenciatura em Comunicação Social – Ramo Jornalismo, na FCSH/UNL. Na disciplina (hoje seria unidade curricular) do 1º ano, Sociologia Geral, participou num trabalho de grupo sobre o Bairro de barracas Alto dos Barronhos, onde se apercebeu das dificuldades dos moradores. Nos anos 2000 e 2001 (Cor, mestre, professor na Universidade Lusófona e doutorando em Ciências da Comunicação na FCSH/UNL), como presidente da direção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos (AHBVPA), assistiu a muitas inaugurações de novas moradas para que era convidado pelo Presidente da CMO (julgo não ter faltado a nenhuma).

Aqui está a minha certeza que vai mesmo haver passagens dos quatro resumos para realidades concretas com o esforço constante de encontrar consensos para realizar obras inovadoras por parte da Presidência da Câmara Municipal de Oeiras.

PREVENÇÃO, PROTEÇÃO E SOCORRO DE PESSOAS E BENS – BOMBEIROS

Esta insistência (mais prevenção) iniciada durante o mandato de 2000/2001 mostra ter havido estudo sobre o assunto. Nas palavras proferidas na tomada de posse da direção, publicadas no número de fev/mar de 2000, do “Presidente empossado Coronel António Pena”, nunca se menciona Prevenção. Poucos dias depois solicitei ao professor orientador da tese de doutoramento a alteração da parte empírica, Comparação

entre as Forças Armadas de Espanha e de Portugal, para Processos decisórios envolventes da integração dos Corpos de Bombeiros no sistema de Proteção Civil Português. O terceiro momento teve publicação nacional, Jornal de Notícias de domingo, 28out2001, “Prevenir incêndios em Paço de Arcos – Bombeiros voluntários comemoram 108º aniversário ensinando populares a acautelar fogos domésticos”.

Agora, finais de jun2024, do trabalho base, publicado na Revista de Geografia e Ordenamento do Território, nº 2 (dez2012), “A prevenção é connosco”: Um novo paradigma para os bombeiros do século XXI, inferem-se alguns dados necessários ao cumprimento do objetivo deste resumo, conseguir, “Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos – Assumir mais Prevenção evitando Incêndios Urbanos”. Este assumir obriga a mais gastos da CMO com aumento de bombeiros do Serviço Operacional e ajustamentos na organização da Associação Humanitária. O município aumenta a sua responsabilidade na Proteção Civil em análise de riscos e planificação da estrutura de Prevenção, Socorro e Combate, prevendo-se alterações em meios humanos, materiais e organizativos, talvez exigindo a instalação do gabinete da Proteção Civil no edifício dos Bombeiros e a imposição de um membro efetivo da direção da Associação, indicado pela CMO, podendo ser o vice-presidente.

POLO ACADÉMICO

Escola Superior Náutica Infante Dom Henrique (ENIDH). Instituto de Tecnologias Náuticas (12º ano). Interligação com o Centro de Controlo do Mar (CMAR) e com o Instituto Português e dos Transportes Marítimos (IPTM). Unidade Politécnica Militar, integrada no Instituto Univer-

sitário Militar (IUM – Pedrouços).

Este resumo implica realizações que deviam ser mais justificadas, mas aqui fica a chamada de atenção para o título da peça, Aprendizagem ao longo de toda a vida, conceito que nos faz propor, aceitar e realizar, objetivos em qualquer idade. Quanto ao polo académico, o objetivo consiste em dinamizar o ambiente escolar dos ensinos básico e secundário para haver apetências por carreiras marítimas que obriguem o Instituto de Tecnologias Náuticas (ITN), Escola Profissional (cursos com equivalência ao 12º ano), situada na área ocupada pela Escola Náutica a funcionar. Antes de encerrar o ITN ministrava quatro cursos: Contramestre da Marinha Mercante; Técnico de Mecânica Naval; Técnico de Mecatrónica; Técnico de Frio e Climatização. Quando neste resumo se acompanha o objetivo principal com referências sobre a Escola Náutica e os CMAR e IPTM, instituições em notável dinâmica profissional, o motivo tem a ver com atividades de comunicação, fazer saber, assumir um certo marketing, que ajude a sociedade portuguesa e a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) a valorizarem, cada vez mais, as ciências e práticas do mar. A ENIDH, é a única instituição de Ensino Superior em Portugal que ministra cursos superiores para carreiras marítimas. Presentemente dispõe de 5 cursos de licenciatura, 2 de mestrado, 7 técnicos superiores profissionais, 7 microcredenciais e uma pós-graduação (Manutenção Industrial). Nota-se que merece criar, pelo menos, o curso de doutoramento em Pilotagem. A Escola cumpre as competências exigidas pela International Maritime Organization (IMO), incluindo a convenção Standards of Training, Certification and Watchkeeping for Seafarers (STCW) para a segu-

rança e sustentabilidade dos oceanos.

Quanto ao CMAR, inaugurado em 2023, integra o Centro de Controlo de Tráfego Marítimo do Continente e o Centro de Controlo e Vigilância das Pescas. Está preparado para acompanhar as atividades emergentes da Economia Azul (energias renováveis oceânicas ou os cabos submarinos) e apoiar políticas do mar, nomeadamente de segurança marítima, salvaguardando a vida humana no mar. O IPTM, regula, fiscaliza e exerce funções de coordenação e planeamento do setor marítimo-portuário. Unidade Politécnica Militar, integrada no Instituto Universitário Militar (IUM – Pedrouços). Sobre o aproveitamento da maior parte do quartel do Exército que de 1952 a 2006 foi Escola Militar de Eletromecânica como polo académico integrado no IUM.

Agora que temos no IUM ensino universitário (doutoramento em Ciências Militares), ensino politécnico e investigação, a unidade politécnica destinada a promover ensino e investigação baseada na prática, destinada à formação de Sargentos das Forças Armadas e da Guarda Nacional Republicana, integrava valores militares, competências, inovação e rigor. O plano estratégico da unidade para além da articulação com Armada, Exército, Força Aérea e GNR, pode prever ligação com instituições nacionais e internacionais, envolvendo EMGFA, Ministério da Educação, Ciência e Inovação, Centros de Investigação e Empresas, podendo colaborar com países da CPLP e da União Europeia.

Salientando INOVAÇÃO do novo ministério, acrescento: Aquisição de competências em ciberdefesa com estratégia militar para o ciberespaço; sinergias envolventes da lógica multidomínio na interligação das componentes naval, terrestre, aérea e aeroespacial. Em termos de proximida-

de deve continuar a Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental para, interligando com a Escola Náutica e unidade politécnica militar da Armada obter competências inovadoras em economia azul e o cluster do mar.

PRÁTICA DESPORTIVA

Para envolver mais o Clube Desportivo de Paço de Arcos no ambiente social da vila, importa insistir na solidariedade, através de uma estratégia de marketing inovadora, para conseguir mais sócios e mais disponibilidades para se participar nos órgãos sociais. Na sociedade urbanizada, onde Paço de Arcos se encontra, a prática desportiva de lazer, o culto do corpo e a fuga à rotina, são essenciais para se viver com bem-estar. Embora sinta elevada dinâmica no Pavilhão Gimnodesportivo, tenho como certo haver melhoria da sua estrutura, Requalificação/Modernização, com colaboração da CMO este ano, insisto em se caminhar para conseguir uma equipa feminina de hóquei em patins. No Centro Náutico nota-se dinamização no âmbito da vela e talvez se possa atrair atletas para a escola de vela cuidando da limpeza do mar em frente das praias [praia velha (pescadores) e praia nova] podendo ser subaquática da orla costeira (300 a 500 metros para lá do areal) com mergulhadores voluntários, podendo haver colaboração dos Bombeiros (AHBVPA) e da Escola Superior Náutica Infante Dom Henrique.

ASPETOS ECONÓMICOS: ANÚNCIOS

Embora saiba, pelo acesso feito ao formato digital, que anunciar está em desenvolvimento, parece-me oportuno referir o assunto. A referência faz-se a partir da análise de dois números (papel). Nº 89-90 – 2ª Série – FEV/MAR 2000, na capa indica-se:

subsidiado pela Junta de Freguesia de Paço de Arcos, 2500 exemplares, 82 páginas. Nº 52 – 3ª Série – Abril de 2024, tem Ficha Técnica, Tiragem: 2000 exemplares e 54 pp. Apenas comparei os anúncios. Em 2000 havia 56, sendo 16 de restaurantes/pastelarias e um da CMO. Em 2024 a totalidade é de 22 sendo 4 de restaurantes/pastelarias e um da CMO. Para além dos anunciantes promoverem as suas empresas e contribuírem para os negócios locais, apoiam as atividades da Associação Cultural A Voz de Paço de Arcos, criada para gerir o jornal.

VIVÊNCIA SAUDÁVEL EM MEIO URBANO

Na valorização do meio urbano em Paço de Arcos saliento o que me envolve na residência, Av Eng Bonneville Franco (Bairro Joaquim Matias, mais conhecido por J. Pimenta). Ao lado o Quartel do Exército e aqui na avenida, Escola Náutica e Pavilhão do Clube Desportivo, no bairro muita habitação e muita população. Nota-se melhoria na limpeza urbana através de ações diárias das equipas da CMO, mas importa conseguir melhorar a cidadania ambiental ativa e permanente através dos meios da CMO para desmatção e tratamento de árvores e arbustos, desramação.

A vila de Paço de Arcos mantém, como noutros tempos, praia de luxo, acrescenta Ensino e Ciência Marítima, Desporto, Proteção Civil, Segurança e Defesa (sugestão nesta peça), mas precisa de ajuda da CMO para se manter limpa e vistosa com mais cuidados com as árvores, o seu desramar e melhoria da limpeza geral.

António Pena

Cachias e as Fortalezas do Tejo - I

Em tempos antigos, Cachias, ao contrário de Laveiras, ainda não existia. O povoamento destas terras nos arredores de Lixbona pelos nossos antepassados, só teve início no reinado de D. Sancho I - O Povoador (1185-1211), mas foi no reinado de D. Afonso II (1211-1223), já muito depois da expulsão dos muçulmanos de Portugal, que essa política foi incrementada.

A principal estrada passava bem a Norte, vinda de Carnechide, passava por Quejas e por Laveiras e seguia para Porto Salvo. Havia, porém, uma outra estrada ainda da época romana, que vinda de Cintra passava por Laveiras e chegava ao Tejo, à foz da ribeira de Barquerena, indicando assim que esta enseada, desde há muito, teria sido utilizada como porto e escolhida por muitos mareantes e pescadores.

O Sítio propriamente dito, situava-se (e situa-se) nas fraldas de um morro que caía no centro de duas extensas enseadas; uma a Nascente e outra a seu Poente, e sobre um aglomerado de “lajes, cachopos e escolhos rochosos” que o tornavam num sítio inóspito e abandonado. A enseada a Nascente, situava-se entre os escolhos da “Ponta das Gaiivotas” (extremo do morro da Boa Viagem), passando pelas “Escadas de Jacob” (no morro da Gibalta) até chegar ao nosso Sítio.

A enseada a Poente, estendia-se depois, passando pela foz da ribeira de Barcarena onde a baía mais adentrava (chegando bem perto do local da Quinta Real) e após esta, estendia-se até à “Ponta do Guincho”

(Giribita), podendo também considerar-se que se estendia até Paço de Arcos.



Depois da enseada de Belém, esta, já no “mar novo”, era o melhor surgidouro para um grande desembarque de invasores. Mais tarde ou mais cedo, teria de ser aqui edificado um grande conjunto fortificado de defesa.

Notas : Surgidouros – local propício para barcos ou navios ancorarem. Mar Novo – a foz do rio Tejo era considerada em Belém, para além da qual o seu estuário começava a alargar e as suas águas tornavam-se salgadas. Daí a inovada designação.

FORTALEZAS para defesa de Lixbona

Nos tempos mais remotos da sua existência, Lisboa, como grande povoação integrada na Lusitânia e na Hispânia, já era defendida por muralhas. Crê-se que foi fundada pelos Fenícios e desde a sua presença passou a estar defendida não só por muralhas mas também por uma simples fortificação. Começaram, então, por chamaram-lhe “Alis Ubbo”

(Urbe formosa). Seguiram-se outros povos, os notáveis Gregos e Cartagineses. Não parou a Conquista da Hispânia por outras gentes, por outras civilizações, desta vez pelos Romanos, cujo período da conquista e da ocupação, durou cerca de 7 séculos (desde +220 a.C a + 500 d.C). Durante este período os romanos melhoraram as defesas e a fortificação foi reconstruída como Castelo e à Cidade cujo topónimo era já Olissipo, chamaram-lhe Olissipona e cognominaram-na mais tarde de Felicitas Julia. Chegaram depois os Bárbaros (povos Suevos, Alanos, Vândalos e Visigodos), assim designados pelos romanos por não possuírem a sua cultura. Os Visigodos davam-lhe o nome de “Ulixbon ou Ulishbon”. Permaneceram na Península entre os anos de 500 e os 700 d.C.



Ficamos assim com a certeza que antes da ocupação muçulmana já o Castelo existia.

A conquista e a ocupação muçulmana da Hispânia, na aproximada e extensa área de Lisboa a Valência, decorreu entre os anos de, 711 d.C. até 1492. Os muçulmanos passaram a chamar a este território “al-Andalus”, e à parte mais “ocidental” e com este mesmo significado, “al-Gharb”.

Lisboa, já era então defendida não apenas por algumas muralhas viradas ao Tejo,

ficando uma bem conhecida como a Cerca Moura, construída nos finais da ocupação romana e melhorada e ampliada no tempo dos muçulmanos, mas também por um Castelo já secular, dos tempos de outros povos, tendo-o reedificado e ampliado e no seu espaço interior erigiram a “Quasabah” (Alcáçova), o centro residencial dos Poderes Muçulmanos . . . e a Lisboa chamaram-lhe “al-Ushbuna” (Lissabona).

(Chego assim à conclusão, que o seu topónimo, desde os mais remotos tempos, quis referir e reforçar que Lisboa sempre foi “linda e boa”).

D. Afonso Henriques foi alargando o território do Condado Portucalense e com o Tratado de Zamora (1143), celebrado com o seu primo Afonso VII, Rei de Leão e de Castela, deu-lhe o nome de Portugal. Em 1147 avançou sobre Lisboa e com a ajuda dos Cruzados, (cujo Santo Padroeiro era S^o. Jorge e daí o nome do Castelo), derrotou os muçulmanos na conquista da Cidade expulsando-os também das regiões mais próximas. Por fim, foi D. Afonso III que os expulsou de vez, de Portugal, em 1249.

E, no ano 1492, os exércitos dos Reis Católicos, D. Fernando II de Aragão e Da. Isabel de Castela, derrotaram os muçulmanos em Granada, o seu último reduto, e acabaram definitivamente com a sua ocupação da Península.

Durante os reinados de D. Afonso III e D. Dinis (entre os anos de 1248-1325) foram sendo espaçadamente reconstruídos e ampliados o “Castelo e as muralhas” existentes e no reinado de D. Fernando fez-se uma nova muralha, a “Fernandina”.

Entretanto surgiram as guerras entre D. Fernando e D. Henrique de Castela e mais tarde, entre D. João I de Portugal e D. João

I de Castela, causadas pelas independências de ambos os Reinos, mas chegaram a bons termos. Esta contenda deu origem, em 1386, à aliança Histórica entre Portugal e Inglaterra.

Vinha sendo reconhecido que Lisboa estava vulnerável e que se impunha um plano para a sua defesa, nomeadamente de muralhas e Castelos. Também, desde a entrada da Barra e no estuário do Tejo de modo a barrar o acesso a qualquer invasor nomeadamente de hostes muçulmanas que atacavam o “Al Gharb” e toda a costa tentando voltar a ocupar a sua “al-Ushbuna / Lissabona”.

Surgiu assim a necessidade da construção dos Fortes e alguns rodeados por grandes baluartes (justificados para melhorar a sua defesa), as Fortalezas. D. João I (1385-1433), logo que assumiu o trono, planeou a construção duma Bateria no monte da Caparica e uma “nau” fortemente artilhada para patrulhar o estuário do Tejo (+ 1390).

Cerca de um século depois, no reinado de D. João II (1481-1495), foi criado novo plano para a sua defesa que consistia na edificação de três torres abaluartadas e várias naus artilhadas para patrulharem o estuário do Tejo, até mesmo à embocadura da Barra e da costa marítima adjacente.

E assim foram sendo construídos: -Torre Velha (+ 1390), ou de S^o. Sebastião, ou Baluarte da Caparica (construído sobre a anterior +- 1494) e ampliada no reinado de D. Sebastião (1557-1578).

- Torre de S^o. António ou Baluarte de Cascais (de 1488 a 1505). - Torre de S^o. Vicente ou Baluarte de Belém (de 1514 a 1520).

... e a construção de Fortalezas prosseguiu !

As FORTALEZAS de Oeyras Fortaleza de S^o. Gião

D Manuel I (1495-1521), continuou com as construções dos Baluartes. Porém, com um reinado tão “Venturoso” e já sem tempo para mais notáveis empreendimentos, deixou para seu filho D. João III (1521-1557), edificar a Fortaleza que tinha idealizado construir na foz do rio Tejo, na avançada ponta rochosa onde existia uma Ermida dedicada a São Gião. Começou assim, D. João, com a construção de um Forte em 1553. Seguiram-se outras obras de ampliações, com início em 1560, pelo conceituado autor de construções de várias Fortalezas nos territórios descobertos e ocupados em África, Miguel Arruda. A Fortaleza ficou parcialmente concluída no reinado do Cardeal D. Henrique (1578-1580). Depois dele, outros famosos construtores militares prosseguiram a Obra, como, Giacomo Fratino, Filipe Terzi, Vicêncio Casale, Leonardo Torriane, etc., e a tornaram a maior e mais completa fortificação marítima de Portugal. A sua invencibilidade não estava assegurada como era suposto.

Na tomada do trono de Portugal por D. Filipe II, (1556-1598), Filipe I de Portugal (1580-1598), a Fortaleza sucumbiu, rendendo-se em poucos dias - tal como a Fortaleza de Cascais ao cerco feito pelas tropas invasoras aí desembarcadas - não sendo capaz de impedir o avanço dos espanhóis sobre Lisboa, comandados pela velha raposa, o Duque de Alba.

Este, logo após ser nomeado Vice-Rei de Portugal por D. Filipe II, Rei de Espanha e também, agora, I de Portugal, encarregou G. Fratino de introduzir todos os necessá-

rios melhoramentos para a correcção das falhas que encontrou quando tomou esta importante Praça ... e as Obras continuaram.

É histórico, que em 1589 a Esquadra de Francis Drake (ex-corsário ao serviço dos Reis de Inglaterra), vindo em socorro de Portugal para combater o ocupante espanhol, (sob o Tratado da Velha Aliança de 1386 - já com mais de 200 anos), não arriscou passar por essa imponente Fortaleza, levando um dos seus comandantes, Sir William Monson, referir a Fortaleza, como, “uma Fortaleza das mais imbatíveis da Europa”. Mas as Obras prosseguiram. Em 1597, o engenheiro militar L. Torriani foi nomeado responsável pelas novas obras de ampliação da Fortaleza. No seu conjunto e em toda a sua estrutura, elas transformaram este “bastião” na maior e mais poderosa fortificação marítima do reino de Portugal, sendo considerada o “Escudo do Reino”.

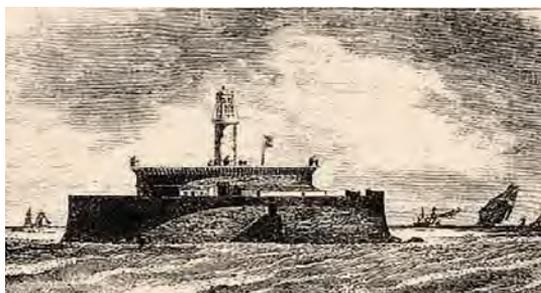


Feytoria del-Rey

Este conjunto de edificios situado a Nascente da Fortaleza de S^o. Glão, data de 1596 e foi planeado para Aquartelamento com o fim de apoiar a construção da Fortaleza de S^o. Lourenço. O conjunto compreendia várias pequenas edificações, para os seus guardas, para os trabalhadores, para os diferentes trabalhos e para armazéns.

Aqui eram trabalhados os diversos materiais, fazendo-se as traves em madeira, os blocos de pedra para os fundos e para as muralhas, etc., que depois eram transportados para o local onde se iria erguer a Fortaleza de S^o. Lourenço, nos escolhos da Cabeça Seca, na margem esquerda e na foz do rio Tejo, em frente à Fortaleza de S^o. Gião.

Posteriormente, em meados do século XVIII, foi erguido no local o Forte da Feitoria, tornando-se numa Bateria de razoáveis dimensões.



Fortaleza de S^o. Lourenço

Esta Fortaleza, ergue-se sobre os escolhos dum banco de areia formado na margem esquerda e na foz do rio Tejo.

A defesa de Lisboa, desde o reinado de D. João I, continuava sendo uma preocupação e a entrada da barra continuava exposta, embora tivesse sido edificado um conjunto de fortificações entre Lisboa, Caparica e Cascais até ao princípio do século XVI, mas era insuficiente, pelo que D. João III iniciou, também a pedido de seu pai, a construção do Forte de São Gião.

D. Sebastião (1557-1578), encarregou o arquiteto Francisco de Holanda, de planear a construção de um Baluarte no areal da Cabeça Seca, fronteiro a S^o. Gião, com o objetivo de se fazer cruzamento de fogos entre ambos. Entretanto, com a morte de

D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir (1578), surgiu o contratempo de não ter sucessor directo. Perante isso e a possibilidade de uma invasão por D. Filipe II de Espanha, querendo apoderar-se do trono de Portugal, optou-se por erguer rapidamente uma pequena estrutura sobre grossa estacaria de madeira entulhada com pedras que serviu de base a uma plataforma para colocar as peças de artilharia. A invasão aconteceu e o suposto Fortim de nada valeu, rendendo-se à poderosa esquadra espanhola.

D. Filipe II de Espanha logo que assumiu o trono de Portugal (1580-1598), contratou o arquiteto V. Casale para planear um novo sistema defensivo da barra do Tejo que estava então sob ameaça de corsários e da Esquadra Inglesa. Foi assim iniciado um novo projecto que, na primeira fase efectuou obras de ampliação na Fortaleza de S^o. Gião e começou a construção do Forte de N^a. Senhora da Luz, em Cascais. Terminadas estas construções, iniciou-se uma segunda fase do plano que englobava as Fortalezas desde Lisboa a Cascais e à Cabeça Seca.

D. Filipe, em 1589, incumbiu V. Casale de traçar a nova planta do Forte da Cabeça Seca a implantar sobre os cachopos da outra margem do rio Tejo. Deu-lhe o nome de São Lourenço por sua especial devoção. De imediato, Casale apresentou o seu projeto para as obras necessárias à sua implantação de maneira a ficar o mais frontal a S^o. Gião. Apresentou-o com duas estruturas distintas: uma construção em estrela (sugestão de André de Prade, espanhol), e outra circular (inspirada no Castel Sant'Angelo em Roma).

Foi esta última a opção escolhida, por ser mais sólida diante da dinâmica das marés

e que permitia um melhor posicionamento da artilharia.

A partir de 1598, a direção da obra foi entregue ao engenheiro militar e arquiteto L. Torriani, nomeado Engenheiro-mor do Reino. A partir de então o projeto entrou numa nova fase, devido às alterações e ampliações que Torriani introduziu, modificando a estrutura, alargando o diâmetro para facilitar os movimentos, as operações e a defesa, e também as despesas e o tempo da construção.

Acontecendo a Restauração da Independência de Portugal a 1 de Dezembro de 1640, assumiu o trono D. João, Duque de Bragança, como D. João IV Rei de Portugal (1640-1656),

A Fortaleza ainda continuava em obras mas já estava guarnecida e artilhada, sendo seu Governador, o espanhol, João Carrilho Rótulo, quando se rendeu às tropas portuguesas.

D. João, logo determinou que o mais importante era a defesa de Lisboa e que estas obras fossem rapidamente concluídas sob a direcção de um engenheiro português.

Continuaram assim as obras na Fortaleza de S^o. Lourenço, tendo agora como engenheiro responsável, João Torriano, português, (filho de L. Torriani), assistido por Mateus do Couto, que redesenharam a planta da Fortaleza dando-lhe um maior poder de fogo e defensivo e também de operacionalidade. Finalmente, as obras na Fortaleza foram dadas por concluídas em 1657.

Nota: Consultados os Livros ARCO DE BELÉM A S. JULIÃO de L. Costa Guedes e FORTIFICAÇÕES DE OEIRAS de Joaquim Boiça.

Carlos A. R. Frederico de Albuquerque

CONC URSO FOTOG RAFIA OEIRAS



2024

**Capte momentos que podem
ficar para a história
É fácil participar
e há muitos prémios para ganhar**

Organização



Apoio



Câmara Municipal
de Oeiras



www.concursodefotografiaoeiras2024.online



REGULAMENTO

Duas ferramentas na proteção do ambiente: olhar literário

Atualmente a proteção do ambiente é foco de constante atenção por parte da sociedade, seja numa banal conversa à mesa ou num meio de comunicação social de impacto nacional. Adicionalmente também a internet permite novas vias de contribuição para esta causa. Desta última realidade, apresentam-se dois exemplos de forma sumária: (I) a página <https://flora-on> [1]; e (II) o blog <https://contosdasestrelas.blogs.sapo.pt> [2].

O **Flora-On** apresenta informação relativa a espécies endémicas de plantas em Portugal, com um mapa no qual são assinaladas quadrículas nas quais estas existem. Cada planta é classificada como vulnerável (VU), em perigo (EP), quase ameaçada (NT), entre outras, de acordo com a Lista Vermelha das Nações Unidas [3]. A esta informação são adicionados detalhes de ecologia, o tipo biológico, época de floração, interações bióticas, características do solo.

A consulta desta ferramenta não dispensa a visita a determinado local para averiguar o estado real de determinada planta. Neste contexto surgem três conceitos muito relevantes, entre outros [4]: (I) **diversidade de espécie** tem diversos significados, por ex-

emplo, número de espécies ou índices que têm em conta a abundância; (II)

riqueza de espécie significa o número de espécies; e (III) **endemismo** significa que uma espécie está confinada a uma determinada área geográfica e se uma área tem um número elevado de endemismos tal implica o interesse em características distintas de biogeografia, seja ao nível da espécie ou taxonómico.

Se decidir visitar uma determinada área em busca da sua planta favorita, quem sabe não descobre uma outra planta ou consegue uma boa fotografia para ajudar o Flora-on? E quem sabe não se inspira a escrever um poema como o fez Luís Váz de Camões:

Verdes são os campos [...]

Todavia, mais que inspiração literária, contagem de plantas e aprendizagem sobre o local onde vivem, ou seja, o habitat, talvez lhe seja possível encontrar e recolher algum pedaço de plástico ou pilha e colocar no respetivo posto de reciclagem.

O blog “**Contos das Estrelas**” apresenta uma visão eclética sobre a proteção do am-



CONTACAXIAS

Organização e Gestão de Empresas, Lda

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE
IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)
PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL
PROJECTOS DE INVESTIMENTO
AUDITORIA

biente ou da natureza, através de referência a notícias ambientais atuais, mas também, e talvez sobretudo, através de um olhar artístico, sobretudo literário. O Concurso Literário Natureza realiza-se todos os anos e é tido como uma referência em Portugal e Brasil, procurando este não apenas sensibilizar para a temática, mas também providenciar meios para algumas intervenções práticas neste contexto, por exemplo, plantar árvores ou proteger uma planta endémica.

Literariamente grande parte do trabalho publicado enquadra-se na corrente do ecocriticismo, ou seja, a escrita procura-se ligar explicitamente à natureza e às suas interações com a humanidade. São publicados contos e poemas e no contexto da Editora Natureza R Nature são publicados livros com o trabalho de autores seleccionados. Por exemplo, em finais de 2022 foi publicada a Antologia Natureza 2015-2021, totalmente financiada por autores e leitores e na qual surgem trabalhos em português e em

inglês, pois também existe uma versão do concurso nesta última língua. O papel do livro era 100 % reciclado, parte significativa do texto foi impressa em cor cinza, para evitar o excesso de consumo de tinta, e ainda foi incluído um texto com sugestões para proteger o ambiente.

Pese embora a natureza seja o foco do blog, atualmente, está a decorrer um concurso para homenagear o ator Ruy de Carvalho e são aceites trabalhos sobre o ator, o teatro e os quais podem ligar ao tema da natureza, o amor, a paz. Assim, fica claro que por um lado temos a natureza selvagem e por outro a natureza humana, ambas de mão dada. A participação no concurso e a submissão de trabalhos à editora são possíveis através do contacto blogsnat@gmail.com.

Em resumo, é possível ajudar a natureza ao mesmo tempo que nos enriquecemos enquanto seres humanos, por exemplo, através da arte literária.

Rui Carvalho

Bibliografia:

- [1] “Flora-On: Flora de Portugal Interactiva”, Sociedade Portuguesa de Botânica. <https://flora-on.pt/>
- [2] Rui M. (2015-2024), “Contos das Estrelas”, Portugal, <https://contosdasestrelas.blogs.sapo.pt>.
- [3] Sociedade Portuguesa de Botânica, “O Projeto – Lista Vermelha da Flora”. <https://listavermelha-flora.pt> (Acesso a 8 de Junho de 2024).
- [4] Whittaker, R. et al. (2001), “Towards a general theory of diversity”, *Journal of Biogeography*, 28, pp. 453-470.

Sol da Barra
RESTAURANTE

TAKE AWAY

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

☎ 214 435 923
962 983 385

ESCOLHA

GRElhADOS NO CARVÃO - PEIXE OU CARNE
FRANGO NO CHURRASCO
COZINHA TRADICIONAL PORTUGUESA
PETISCOS, VINHOS, CERVEJAS...

Rua da Figueirinha, 5-A | 2780 - 015 OEIRAS

ACEITAMOS
MB VISA

Férias no Lagoal

De acordo com o Portugal antigo e moderno de Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, Laveiras e Caxias, em meados da década de 1870, eram “povoações da Estremadura, arrabalde e termo de Lisboa, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras”. Laveiras tinha 60 fogos; Caxias, 40. De um modo geral, a notoriedade da segunda, já na altura, seria, porém, bastante maior que a da primeira. Não por acaso, para orientar o leitor, Pinho Leal registava que “Laveiras fica perto de Caxias”.

Em Laveiras localizava-se a ermida da Irmandade de Nossa Senhora das Dores e morava uma parte dos proprietários, dos jornaleiros e dos artesãos que viviam em torno dos terrenos agrícolas da margem direita da Ribeira dos Ossos. Um pouco mais a nascente, no Murganhal, reinavam os senhores dos fertilíssimos solos da Quinta do Jardim. A escassos minutos de caminhada, tinha início a grande freguesia de Barcarena, onde se situavam a Fábrica da Pólvora e o Palácio Real de Queluz.

A fama da povoação de Caxias devia-se sobretudo às quintas aristocráticas voltadas ao Tejo. Para os que vinham do sentido de Lisboa, aparecia, à chegada, o velho edifício do 5º Visconde de Fonte Arcada, onde, em 1734, estanciera o seu ancestral João Jaques de Magalhães, oriundo de Mazagão. Logo a seguir, avistavam-se as propriedades dos 2ºs Condes do Porto Covo da Bandeira, que ainda conservariam a frescura e o encanto descritos nas cartas da anglicana Marianne Baillie, em 1822. Surgiam, depois, a Casa

do Pinet, a Casa de Massarelos e o Paço Real de Caxias, com a sua capela de Nossa Senhora do Carmo, provavelmente fundada por José

Elias de Campos de Andrade, oficial da Casa do Infantado, e por sua mulher, Leonor Maria Micaela da Silveira, filha de André Pequeno Chaves, fidalgo trasmontano. Pegada à Ponte de Laveiras, havia, por fim, a Quinta do Lagoal ou do Laguar, cuja história se procurará desenvolver noutro momento.

Tanto para corte como para a nobreza e também para a burguesia mais próspera ou apenas remediada, a principal atração de Caxias eram os banhos. Naturalmente, durante o estio. Boa parte das quintas que ali existia ressentia-se, assim, da ausência dos donos, pelo menos seis meses do ano. Extenso mas irregular, o areal assistia à passagem das guarnições dos fortes de Nossa Senhora do Vale e de São Bruno e às atividades de carga e descarga da Fábrica da Pólvora. No inverno, seria um lugar inseguro. Ramalhão Ortigão, em 1876, ao referir-se a Caxias, lamentou a sua “triste e melancólica praia” (Praias de Portugal, Porto: Livraria Universal, p. 75).

Mesmo após o advento da ferrovia, na segunda metade da década de 1880, ir tomar banho junto à Ribeira de Barcarena foi, no entanto, ganhando popularidade. E parece ter sido sobre o início do século XX que se fizeram os primeiros projetos de “colónias de férias” na região. Ale-



xandra de Carvalho Antunes estudou a história da chamada “Colónia da Sine-ta”, onde o desembargador João Taborda de Magalhães sonhou acolher crianças pobres, nas férias escolares. A casa então construída ainda lá está: desenho do prestigiado Miguel Ventura Terra, posto de pé por José de Passos Mesquita, sobre um antigo terreno dos Crofts de Moura, no Lagoal (cf. Alexandre de Carvalho Antunes, “Sonho de J. Taborda de Magalhães...”, Revista Arquitectura Lusíada, Nº 2, 1º semestre de 2011, disponível on line).

Especificamente nesse edifício, crianças não houve. Mas o projeto de colónias de férias escolares em Caxias e, em particular, no Lagoal, concretizou-se pelo menos a partir da década de 1910. Atestam-no postais ilustrados da altura, em que se veem dezenas de meninos em fatos de banho, acompanhados por instrutoras, encarregados e/ou banheiros, na praia ribeirinha [figuras 1 e 2]. O exemplar do Museu de Lisboa, de c. 1914-1915, diz com clareza: “Colonia de ferias’ – Tarde na praia do Lagoal”.



Fig. 1 - Postal ilustrado com a legenda “Colonia de ferias’ – Tarde na praia do Lagoal”. Museu de Lisboa, MP.1416.57 (c. 1914-1915).



Fig. 2 - Postal ilustrado com a legenda “2325 – Caxias – (Portugal) – Praia do Lagoal”. Delcampe (<www.delcampe.net>) [a. 1920].

Jaime Cortesão Casimiro teve notícia da existência de uma colónia de férias no Palácio de Massarelos ligada à Escola Académica de António Florêncio dos Santos e Jaime Adolfo Mauperrin Santos. Baseando-se no testemunho do Prof. Fernando Emigdio da Silva, antigo aluno da Escola, Casimiro sugeriu que a ideia teria sido de Mauperrin Santos. E como Mauperrin faleceu em dezembro de 1913, o erudito estudioso de Oeiras supôs que a colónia de férias de Massarelos funcionasse desde cerca de 1901, quando o nome do “Pai” Florêncio dos Santos passara a servir para designar uma artéria local (cf. “Avenida António Florêncio dos Santos e Rua Mauperrin Santos”, in *Elucidário de alguma Oeiras*, Edição do Município de Oeiras, [2010], pp. 71-73).

Documentos conservados na Fundação da Casa de Bragança confirmam que, de facto, a Casa de Massarelos acolheu uma colónia de férias, antes de ser arrendada ao Eng.º Manuel Mendes de Almeida Bello, em 1926. Essa colónia foi realmente da Escola Académica, ali funcionando no ano de 1917, segundo um anúncio avulso então publicado na *Atlantida* (cf. exemplar da

University of Texas Library, parcialmente disponível no Google books). Nada indica, contudo, que a colónia lá existisse na primeira década do século XX, porque, na altura, funcionava em Massarelos o comando do Campo Entrincheirado de Lisboa, como se comprova pelos despachos militares do Diário do Governo.

Jaime Mauperrin Santos ficou conhecido por expandir o interesse da Escola Académica e, em boa medida, do próprio país, na promoção da higiene individual, da saúde pública e da prática desportiva. As suas inúmeras iniciativas nesses domínios valeram-lhe rasgados elogios nos últimos anos de vida e logo depois da sua morte. Foram seus herdeiros o filho Frederico e as filhas Berta e Helena, esta casada com Francisco Xavier Ferrão de Castelo-Branco, irmão do 9º Conde da Ponte.

Pelo processo de tributação sucessória de Maria Elisabeth Mauperrin dos Santos (m. 1918), viúva de António Florêncio, constata-se que era ela a proprietária da chamada Quinta do Lagoal e de outros oito prédios vizinhos, na foz da Ribeira dos Ossos, onde terão igualmente existido atividades de férias da Escola Académica (cf. Paula Neto, *Ao ritmo de Caxias*, Município de Oeiras, 2013, p. 45). Como o citado anúncio da revista *Atlantida* reproduz uma fotografia de uma partida de la-

wn-tennis, e como essa modalidade era especialmente acarinhada pela família Mauperrin Santos (cf., por exemplo, *Tiro & Sport*, Nº 431, 1909, disponível on line), parece provável que pelo menos durante alguns anos a Quinta do Lagoal tenha sido uma espécie de “posto avançado” da colónia da Casa de Massarelos, sobretudo para os desportos.

As afamadas Memórias da Linha de Cascais, de Branca de Gonta Colaço e Maria Archer, editadas em 1943, silenciam esse episódio da história da educação no concelho de Oeiras, mas dispensam meia dúzia de linhas àquela “linda e romântica moradia que se avista da estrada e do comboio, toda coberta de hera e trepadeiras floridas, com sua capela, seu ar antigo e senhorial, sua quinta de frondosos arvoredos, campos de ténis e outros elegantes espairecimentos, pertença secular da família Mauperrin Santos” (grifos meus). E rematam: “Uma moradia de sonho, para a ‘belle au bois dormant’ [Bela Adormecida]”.

Nos anos '40, as colónias de férias que em Caxias se realizavam tinham já outro palco – o Forte de São Bruno –, outros propósitos e outros responsáveis: a Mocidade Portuguesa.

Tiago C. P. dos Reis Miranda

* Agradece-se o apoio prestado pela Biblioteca Pública de Évora, pela Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, pela Fundação da Casa de Bragança, pela University of Texas Library, pelo Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, pelo Arquivo da Câmara Municipal de Oeiras, pela Paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Oeiras, por José Manuel Marreiro, por Carlos Frederico Albuquerque e por Fernando Miranda da Cunha Pedreira.

A Sesta, um descanso curto, mas benéfico *

Começo por manifestar a minha declaração de interesses, porque sou um apreciador da sesta vulgar “passar pelas brasas”, pelo que já experienciei todas as fases desse fantástico descanso.

A sesta é um breve descanso da parte de tarde, mais frequentemente, após o almoço, muito comum em alguns países e Portugal não é exceção.

A sesta pode oferecer múltiplas vantagens, como melhorar o alerta mental, aumentar a produtividade e reduzir a fadiga.

Vários estudos indicam que os descansos ainda que curtos, contribuem para um desempenho mais cognitivo mais eficiente e ajuda a manter um estado de alerta durante o resto do dia.

Além disso, a sesta pode trazer benefícios para a saúde cardiovascular, reduzindo o stress e a pressão arterial. Pode também melhorar o humor e a capacidade de lidar com situações inespera-



das. A sesta também tem sido associada a melhorias na memória e mais facilidade de apreensão das variadas matérias.

No entanto, a frequência e a duração ideais da sesta podem variar de pessoa para pessoa. Cada um de nós deve adaptá-la ao seu ritmo biológico de modo a verificar como o seu corpo responde, para encontrar o equilíbrio certo.

Além dos benefícios cognitivos, pode ter impactos positivos na saúde emocio-



Tel.: +351 216 072 206
Estrada da Cartuxa, 10 - 2760-022 Caxias
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt

A VELHICE E A SUA DIGNIDADE

nal ajudando a que terminemos o dia de forma feliz e um bem-estar em geral.

É igualmente um contributo muito importante para a atividade física, especialmente após atividades extenuantes. Sem dúvida uma pausa que reduz a fadiga muscular e revigora o corpo.

A sua prática está muitas vezes ligada à cultura e ao estilo de vida de determinadas regiões do globo. Em algumas culturas, como por exemplo, a dos nossos vizinhos espanhóis, a sesta é uma tradição enraizada, que concede não só benefícios individuais como também um equilíbrio saudável, entre o trabalho e o descanso.

A sesta pode ser uma estratégia eficaz para combater a sonolência diurna, um problema comum em muitas sociedades modernas.

Outra vantagem da sesta é o potencial impacto positivo na criatividade. A pausa para o descanso pode desencadear um ambiente propício para ideias inovadoras.

A sua habituação pode reduzir o nível de cortisol, que é uma hormona responsável em diversos processos fisiológicos do corpo humano, desde o controle de açúcar no sangue até o combate de inflamações.

É importante e fundamental fazer

o seu equilíbrio com a boa higiene do sono noturno

Além dos aspetos individuais a sua prática tem impactos sociais positivos. Em culturas onde a sesta é comum, muitas vezes as comunidades valorizam a importância do descanso e do equilíbrio entre o trabalho e o lazer. Isso pode contribuir para ambientes mais saudáveis e produtivos, onde o bem-estar das pessoas é considerado essencial. A aceitação e a promoção da sesta podem refletir uma mentalidade que valoriza não apenas a eficiência no trabalho, mas também a saúde e qualidade de vida.

Algumas dicas que deve procurar fazer para uma sesta produtiva, a saber:

- Escolher um local tranquilo e escuro para dormir.
- Usar roupas confortáveis.
- Evitar comer alimentos pesados antes da sesta.
- Estabelecer uma rotina regular para a sesta.

Em jeito de conclusão, seria muito benéfico para as nossas empresas proporcionar a prática da sesta aos seus colaboradores, pois provavelmente a produção melhoraria em todos os aspetos.

Luís Álvares



Ofetalopticas
optivisão

Ofetalopticas

optivisão

DIAS ÚTEIS:
9H30-13H00 / 15:00-19:00
SÁBADOS: 9H30-13H00

WWW.OFETAL.PT

Paço de Arcos
Rua Costa Pinto, nº97
2770-213 Paço de Arcos Tel. 214 422 717

Tempos de Oeiras

Em 1979, Oeiras tinha notórias diferenças para os dias actuais. Menos circulação automóvel permitia um caminhar mais tranquilo, rumo aos pretendidos destinos. Eram tempos escolares que bem conhecia no trajecto feito a pé, desde a Figueirinha e durante uns quinze minutos, então para o estabelecimento de ensino em Santo Amaro, junto à estação de correios. Por recentes anos, esta mudou sua residência para uma zona de numerosa frequência populacional, mais a norte da freguesia, em zona comercial. Mas naquele tempo, por entre vivendas e escola primária, estabelecimento de correios era um só, quando mais para a frente crescido, já se viam duas lojas, uma para atendimento ao público na Rua José Falcão, sendo a outra, única existente há 45 anos, então no mais recente, apenas destinada aos apartados, os grandes clientes e ainda, a diária distribuição de correspondência. Agora, tudo concentrado no centro comercial, pois nada de correios por ali, junto ao escolar ambiente. Naquele tempo, o de 1979, acesso para aulas e boa formação, raramente se fazia com automóveis paternos, o que muito contrasta ao espantado hoje, vendo trânsito quase sem fim em certas horas diárias, sobretudo o cedo matutino e aquele mais cansativo entardecer, o que se assiste como generalizado por escolas outras. Tudo calmo e agradável parecia, nesses momentos de criança, mesmo caminhando oeirense no distante do escolar meio, com motivações turísticas que já existiam nesta terra, muitas vezes com assistência das aves, alegremente expostas em linha de boa precisão, nos fios

que sobrevoavam ruas, mostrando-se talvez espantadas, diziam algumas pessoas na sua certeza, enquanto outras eram de opinião que estariam aves, somente controlando e bem, humano ambiente. Este chegou a ser feito, em quantificada maioria, à base de quintas, como no Moinho das Antas, hoje um bairro de prédios, lojas e serviços, mas recuando no tempo, aquela zona ainda era um agradável caminho bem escolhido para efectivar regresso escolar, até Figueirinha, o seguinte bairro, ainda não preenchido na quase totalidade como se vê por hoje. Havia moinhos de vento, assim designados e plenamente visíveis, dois estão por lá bastante discretos e protegidos, mas nada de construção moderna existia no Moinho das Antas, embora isso já se pudesse antever





como realidade para dali a tempos futuros, incertos quanto a calendário preciso. Havia uma zona bastante alta, quase um pequeno monte, bem próximo dos moinhos, no qual algumas crianças faziam escorregas de esfuziante diversão, com posteriores visíveis marcas pelas calças, quando não embaraçosos rasgões. Até à linha do comboio, muitos campos preenchiam rural paisagem, onde animais bovinos pastavam,



Foto gentilmente cedida por Maria da Conceição Pinto de Amorim

observando-se a casa da quinta, bem perto da rotunda que hoje ouve mais audível, o circular dos comboios, devido à notória proximidade. Alguns dos edifícios mais recentes deste bairro vieram substituir três casas, junto à moderna Rua de Oeiras do Piauí, duas olhando entre si, de frente, en-

quanto a restante preenchia o topo, quase em forma de chapéu para quem avistasse de ponto elevado, no observador bairro da Figueirinha. Esse distinto conjunto de casas era conhecido como “o quartel”, pois fora poiso militar em tempos idos, enquanto por alturas em que nascia “A Voz de Paço de Arcos”, já residia por aí outro grupo de pessoas, antes regressadas das antigas portuguesas colónias. Uma recheada cerejeira também por aí habitava, quase encostada à casa do meio, de altura vistosa, ao ser superior à própria edificação, somente composta de piso térreo. Em tempos realmente acertados ao nome “quartel”, um pequeno círculo no extenso quintal, albergava uma espécie de pedestal no erguer orgulhoso a duas bandeiras, ou não fosse essa, altura do tal militar uso, o qual acabou por sair, tudo levando, inclusive as valorosas bandeiras. A rua em frente ao “quartel” conhecia pouco trânsito, uma calma que hoje é bem diferente, carros nervosos por excesso de apresada circulação, antecipando-se já a inevitável colocação de semáforos ou formas outras para abrandar tanta pressa e assim, dar uma real protecção aos que caminham a pé, em absoluta necessidade ou saudável gosto. Atravessando rua, eis o bairro da Figueirinha, o qual surgiu perante fim de quintas, numerosas mesmo, avançando então infindáveis prédios em velocidades que aquelas não chegaram a conhecer, tal era o sossego que elas, as extensas quintas, sempre terão demonstrado, no perder de vista que tanto as caracterizava, quando se podia bem contemplar e até admirar, na direcção dos vastos horizontes desse tempo.

*Luís Amorim
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

A arte do basquetebol chegou a Oeiras no maior torneio internacional do país

A arte do basquetebol chegou a Oeiras no maior torneio internacional do país.

142 jogos, 1300 atletas, 200 elementos do staff, seis pavilhões – o Oeiras Basketball International Tournament pode ser resumido em números, e estes são impressionantes, mas mais do que números é preciso estar presente, seja a jogar, como voluntário, familiar ou elemento do público para sentir a energia e o dinamismo que varreu Oeiras durante seis dias.

Dias 7, 8 e 9 e 14, 15 e 16, houve mais animação nas ruas, esgotaram-se hotéis e fez-se sentir uma nova vida em Oeiras, principalmente em redor do Pavilhão Jesus Correia, dos Pavilhões da Escola Joaquim de Barros, do Pavilhão de São Bruno, em Caxias, da Escola Náutica e do Pavilhão do ISQ.

Na sua terceira edição, este Torneio, organizado pelo Paço de Arcos Clube, voltou a juntar equipas nacionais e estrangeiras, vindas de Espanha, Marrocos e Estados Unidos, bem como seleções nacionais e distritais. Dos sub 8 aos seniores, foram dias em que as mesas de jogo estavam prontas e a bolas se faziam ouvir antes das 9h da manhã, e seguiam por aí fora, até às 11 da noite.

Nada faltou para que todos se sentissem em



casa. As equipas visitantes de locais mais distantes pernoveram na Pousada da Juventude, Inatel, Feitoria de Oeiras e na escola Luís de Freitas Branco. As refeições foram servidas no refeitório da escola pela equipa da UNICEF, os lanches distribuídos pelos incansáveis voluntários e a fruta esteve sempre à disposição. E no sábado, dia 15, atletas, treinadores e staff reuniram-se OBIT Party, onde não faltou passadeira vermelha e muito karaoke.

Jogou-se muito, mas os nossos atletas tiveram oportunidade de irem à praia, de dar mergulhos na Piscina Oceânica de Oeiras, de fazer escalada com os monitores do Quantum Park ou, no caso dos mais pequenos, de se divertirem com pinturas faciais. A animar o espaço, esteve sempre o performer Agui Pinto, com a sua máquina fotográfica a soltar bolas de balão e equipado a rigor. Houve ondas no público, gritos de apoio, provas de fair play e a visita de muitas associações de



OEIRAS BASKET INTERNATIONAL TOURNAMENT



solidariedade social, parceiras do Paço de Arcos Clube, que como sempre contou com o apoio do movimento Vizinhos à Janela.

A equipa do GDD Alcoitão protagonizou um dos momentos mais especiais do torneio, com o seu jogo de demonstração, chamando depois a participar atletas do torneio, num momento inspirador.

Nunca é demais salientar os nossos parceiros nesta terceira jornada. A Câma-



ra Municipal de Cascais, a União de Freguesias de Oeiras, Paço de Arcos e Caxias, a Oeiras Viva, a Escola Náutica, o Agrupamento de Escolas de Paço de Arcos e o ISQ foram elementos-chave para ajudarem a tornar o Oeiras Basketball International Tournament um sucesso.

Além destes, contámos com a FPB, a ABL, que deu apoio à arbitragem do minibasquete, o IPDJ, a UNISELF, a Malagueta, que filmou o evento, a Artwear, a Lanyard e o Quantum Parks. Tivemos também o apoio da Escola de Condução de Paço de Arcos, que animou o primeiro fim de semana com uma ação de sensibilização a segurança rodoviária, a Escola Profissional de Vale do Rio, que registou os melhores momentos, a Escola Superior de Tecnologia de Lisboa, que assegurou uma eficiente equipa de fisioterapeutas. Outros parceiros fundamentais foram a Patrícia Pilar Frutas, o MAU, Next Level, Compal, Coca-Cola, a Eden Springs, a Vidreira e a Sociedade Ponto Verde.

Sofia Martinho

@oeirasinternationaltournament

@pabasquetebol



Oeiras por quem a vê

Fotografias de Pedro Grão

"Marégrafo de Paço de Arcos,
Praia das Fontainhas".

www.instagram.com/pedrograophotography



Pinturas de Carla Cardoso

Inspiradas na baía de Paço de Arcos e no símbolo da âncora.

Pinturas em carvão, acrílico e técnicas mistas.

www.instagram.com/pinturas_sousa_cardoso



Florista "O Cantinho da Rosa"

Executamos todos os
trabalhos de decoração e
arranjos em flores naturais
e artificiais



Praceta Dionísio Matias nº8 A-B
2770-051 Paço de Arcos
Portugal

Tel.: 214 427 830
Telm.: 916 882 892
florista.ocantinhodarosa@gmail.com

Tertúlias Literárias em Oeiras Casoeiras/Iasfa (4.^a Feira) E na Livraria-Municipal Verney (5.^a Feira)

Em 2024.05.09, 5.^a feira, 14h30, na L. Verney: Atenção aos outros e a Associação Coração Amarelo, com presidente da Delegação de Oeiras, dra Paula Sobral e mais 22 pessoas, incluindo drs Rosa Araújo, Helena Ferreira, Hélder S. Silva, Irene Sequeira e José Marreiro, Francisca Correia, coronéis António Pena e Carlos Ricardo, editor Daniel Gouveia, major Carlos Acabado, Rogério Pereira, Angélica, coordenador...



Fotografias de editor Daniel Gouveia, em 2024.05.09.

E de coronel Carlos Ricardo.



Drs Paula Sobral e Rosa Araújo, da ACA, e José Marreiro, de A Voz de Paço de Arcos.

05.22, 4.^a feira, 14h30, no CAS. Oeiras: Atenção aos outros e a Associação Co-

ração Amarelo, continuação, com presidente da Direção Nacional, dra Rosa Araújo.

Teve 29 presenças, incluindo, na mesa, presidente da ACA e vogal Francisca Correia, diretor do CASO coronel Manuel Rosa e coordenador; no apoio dra Ana Domingues, Fátima Fernandes e Ofélia Silva, e, na assistência, coronel Rui Marcelino, major Lacerda, prof. Sequeira, drs Sena e Silva, Paula Sobral, Irene Sequeira e José Marreiro, comandante Pais Ramos, Minita Serra Pinto, Rogério Pereira...

2024.06.13, 5.^a feira, 14h30, na Livraria Verney: Associação de Solidariedade Social de Professores, com presidente dra Ana Maria Morais;

06.26, 4.^a feira, 14h30, no CAS. Oeiras: Atenção aos outros e a Dignidade da Pessoa Idosa, com Instituto Português de Proteção à Pessoa Idosa, representado pelo presidente da Direção, enfermeiro Pedro Costa; Ordem dos Enfermeiros, Associação Portuguesa de Psicogerontologia e Liga Portuguesa dos Direitos Humanos, a confirmar.

*Texto de M.B.C
e Fotografia de Carlos Ricardo*

Levantar a Moral

*Bem no Alto de Porto Salvo
Ao abandono três moinhos encontrei
Em solo precioso contemplei
À esquerda a foz do Tejo
À direita o formoso da Pena
Então fechei os olhos e pensei...*

*Forte o vento sopra
Nesta manhã cinza e torpa
O sorriso em mim espalhado
Não é por isso retirado
Aproveito a força do vento
Para que espalhe meu evento
A todos tenha o efeito
De levantar a moral
Pra vencer esta espiral imoral...*

Carlos Reis

Chamaste?

*Sei que chamaste
mas eu imerso em mim
esqueci-me de ti
na cama do hospital
no sofá do lar de idosos
na barça afundada no mar
no sibilante estrondear de um míssil
no cheiro fétido dos mortos na tua cidade
nas águas infestadas do rio
na fome permanente no teu país
no terrível medo da solidão
Absorto em mim
obriguei-te a gritar por mim
quando cheguei a ti
vestido de vergonha
só havia os teus olhos doridos.
Disseram-me adeus.*

Fátima Pissarra

Sua pele de seda e rosas

*Num regresso ao passado
Ao encontro da beleza
Sinto-me revigorado
Para amar e ser amado
Na clássica natureza.*

*Sinto esse íman carnal
Que me traz amor e virtude
Ampla forma, genial
Seu perfume é natural
Sem essência que nos ilude.*

*Afrodite (ou Vénus), a beldade
Deusas de gregos e romanos
São milénios de saudade
Que Botticelli pintou com vaidade
Com conchas, ondas, dons profanos.*

*Falam-nos da paixão desenfreada
Numa pele de seda e rosas
Fábulas milenares, coisa encantada
Tão feminina e cuidada
Amantes d'outrora, formosas.*

Mário Matta e Silva

*Penso que tenho razão
Mas o que mais me apraz
Caso me digas que não
É poder ser capaz
De te estender a mão
Não te a negando por trás*

Poemas de Paulo Ferreira

Direitos da criança

*Toda a criança tem de ter identidade.
 Todos os direitos humanos
 e devia beneficiar de igualdade.
 Porque é pequenina, precisa de protecção.
 Deve crescer tal como a trepadeira,
 uma flor que se guia, indicando a direcção.
 Além do pão, também a educação.
 Acesso aos cuidados prementes de saúde.
 Mas acima de tudo a família e o amor.
 Depois a cultura, o conhecimento.
 A Europa oferece mais virtude,
 mas em África e sul da Ásia,
 és tu criança, quem sofre a dor.
 No Bangladesh há morte e sofrimento.
 Fiquemos alerta sábios corsários,
 gritemos sem medo;
 -Em pleno Sec. XXI, a escravatura, o de-
 gredo??
 As vidas são traficadas, vendidas.
 No mundo seis milhões de crianças
 morrem antes do 15º aniversário !*

Virgínia Branco

Vilancete

*Ó meus castelos de vento
 Pressinto que estão desfeitos
 Abro os olhos, não te vejo
 Já não tenho quem me cuita
 Fugiram abraços, beijos*

*Ó meus castelos de vento
 Desapareceste na tempestade
 As lágrimas secaram prestes
 Ficando só a saudade
 Que em tal cuita me pusestes*

Maria Aguiar
 Paço de Arcos, 10 de Novembro de 2015
 Inédito do espólio

Que em ti nunca morra a esperança...

*Que em ti nunca morra a esperança.
 Que tenhas sempre olhos de criança.
 Que saibas aceitar sempre a mudança.
 Que o tempo seja um teu fiel aliado.
 Que nunca lamentos o que te é dado.
 Que encontres alegria em todo o lado.
 Que sejas grato a quem te fizer o bem.
 Que nunca faltes ao respeito a ninguém.
 Que sintas sempre o apelo de ir mais além.
 Que tenhas para quem te ama lealdade.
 Que não te deixes corromper pela vaidade.
 Que sigas o teu caminho com tenacidade.
 Que a fé seja a luz que os dias te ilumina.
 Que brotem de ti fontes de água cristalina.
 E que tudo para ti seja uma dádiva divina.*

Jorge Chichorro Rodrigues

O sonho ousado

Entardecia, e o Vicente ainda não estava em casa, o que motivava alguma preocupação na família, não pelo atraso deste, mais pelo facto da hora de dormir se aproximar. Numerosa, mas unida que era, a falta de um dos membros justificava não darem início à refeição. Todos estavam de acordo, seria impensável jantar com a ausência de alguém sem aviso prévio, dispensado seria o motivo apresentar.

Naquela noite de Inverno, chuviscava, dava para observarem através dos vidros da pequena janela da não ampla divisão da casa, a sala, onde se encontravam, pai e os quatro filhos mais velhos, sendo o Vicente o mais jovem dessa humilde família.

Na vila piscatória situada a sul do país, o pai de profissão pescador e proprietário da embarcação exceptuando o domingo, todos os dias se fazia ao mar acompanhado pelos filhos, rapazes que eram, após a escolaridade obrigatória, o pensamento dos progenitores era: «filho de pescador deve ser pescador, trabalho certo, o mar é rico e, se houver sorte, fome não se passará.»

Com a conversa acerca da demora do Vicente, pela primeira vez e, aproveitando a ausência deste, um dos irmãos, o primogénito, recordou ao pai que estava na altura do «garoto» assim se referia ao irmão pela grande diferença de idades que os separava, começar a ir ao mar, mesmo porque tinha concluído os estudos há algum tempo. Argumentava que o irmão estava inactivo e não seria benéfico permanecer por muito mais tempo nesta situação. O pai, condescendente, ia dizendo que haveria de falar em oportuno momento, sem pressas, lem-



brando que os cinco se mantinham em boa forma na concretização de todas as tarefas inerentes à faina.

Foi então que se ouviu a porta abrir, era o Vicente que chegava, sorridente, pediu desculpa pelo atraso e o pai, com algum cuidado para que o filho não se apercebesse que dele se falava, utilizou expressões mímicas para todos entenderem que esta conversa teria de ser adiada.

Sem pedido de explicações por mais tarde chegar do que o habitual sentou-se o Vicente na sua cadeira, ficando apenas uma das sete vazia, a da mãe, que num vai e vem entre a cozinha e a sala se preocupava em ultimar a colocação do jantar na mesa.

A vida de pescador não é fácil, rigor nos horários, grande força de braços, principalmente na retirada das redes que se querem repletas de peixe.

Olhando o pequeno relógio na sala e ainda sentados à mesa, o Vicente com o sorriso que lhe era característico anunciou que também ele iria acompanhar pai e irmãos naquela que seria a próxima viagem ao mar. Mal podiam acreditar em tamanha revelação. Grandes abraços de todos, em manifesta satisfação.

Afinal, já não seria necessária a intervenção do pai para motivar o mais novo filho a participar na faina de modo a contribuir com o seu trabalho para o sustento de todos. O Vicente iria ser pescador e estava a

poucas horas de iniciar tal tarefa.

Assim pensavam três dos quatro irmãos, não tanto o mais velho, esse com azedume no rosto pensava que algo não estaria bem e aguardava pelo dia seguinte suspeitando de uma outra surpresa menos do agrado familiar.

Os pais recolheram ao seu quarto claramente satisfeitos. No entanto, a mãe conhecia o filho quase tão bem como a si própria e em conversa com o marido interveio explicando que a atitude do Vicente poderia não ter implícito o facto dele querer dar continuidade à profissão que já vinha dos antepassados paternos.

Pensavam, repensavam fazendo uma retrospectiva da personalidade do filho e da sua vida enquanto estudante. Atenta, a mãe para com todos os filhos sabia o que os diferenciava, e era no interesse em aprender que o Vicente se manifestava em superioridade em relação aos mais velhos, ia para a escola sem nunca mostrar descontentamento ao invés dos irmãos que dificilmente encontravam algum interesse expressando-o de viva voz.

Estava na hora de levantar, as expectativas da revelação do Vicente eram grandes. Todos a bordo, naquele dia contava-se mais um, lá iam eles a caminho do local no mar onde supostamente seria a área onde mais peixe se concentrava.

Ancoraram o barco, rapidamente lança-

ram as redes ao mar pedindo ao Divino sorte para que se enchessem. Após esta tarefa podiam descansar um pouco, assim cada um tomou um pequeno espaço na embarcação e cobrindo-se com um agasalho acabaram por dormir, à excepção do Vicente. Este tinha consigo um pequeno caderno e uma caneta, tirou-os da pasta que habitualmente o acompanhava. Com alguma discrição ia escrevendo algo que não se sentindo à vontade, receoso de que alguém o questionasse, não estava certo de que conseguiria concretizar o que se propusera efectuar.

O tempo ia passando e o cansaço tomou-o, adormecendo. Pai e irmãos levantaram-se e, antes de se dirigirem para o local do barco para verificarem se as redes já estavam como convinha, cheias, tentaram acordar o Vicente, principiante nestas lides para então sim, participar naquela que seria a mais dura tarefa como pescador. Não tendo conseguido alcançar o objectivo, seguiram apenas os cinco. Ficaram manifestamente satisfeitos porquanto a retirada das redes deixou o barco repleto de peixe. «Poder-se-ia dizer que tinha sido uma grande pescaria.»

Estranho, estava o Vicente, parecia delirar, balbuciando palavras soltas tentando, sem êxito, construir frases. Estaria doente, com febre alta ou a sonhar, interrogavam-se mutuamente. Com toda esta agitação o rapaz



Av. dos Fundadores, 59-A
12770-072 PAÇO DE ARCOS
Tel. 21 441 02 85

acordou sem saber porque o olhavam daquela forma, preocupados.

Para bem de todos e não contrastar com a alegria pelo pescado conseguido, o rapaz sonhava. Abriu-se um enorme sorriso, contagiante que o poupou de algumas críticas por não ter participado na recolha das redes.

A surpresa estava reservada para a chegada a casa. Aí, na presença de toda a família iria revelar tudo sobre o que tinha acontecido, o porquê de ter acontecido e o que iria mudar na sua vida a partir daquele dia. Certo estava que não teria tarefa fácil ao revelar que não seria a pesca que iria fazer dele um homem feliz. Ainda podia aproveitar para preparar o «discurso» enquanto o pai e os quatro irmãos seguiam com o peixe para a lota afim de ser comercializado.

Chegados finalmente a casa e, após se instalarem confortavelmente, curiosos, todos se atropelavam em perguntas que fervilhavam em suas mentes querendo satisfazer a curiosidade acerca da falsa intenção do Vicente colaborar concretamente em tudo o que faria dele um pescador.

Com a calma que lhe era peculiar, o rapaz pediu silêncio e iniciou a intervenção indicando o motivo inerente aos factos que o levaram a tomar uma decisão para a qual não existiriam argumentos que o fizessem renunciar a tal pretensão, deixando-os a

todos sem qualquer hipótese em objectar. Tudo estava bem claro na sua cabeça depois daquele «sonho revelador». Há muito que aprofundava os conhecimentos em poesia através dos livros que lia pausadamente, sem pressa, tinha de compreender e até assimilar tudo o que os autores transmitiam. Tornara-se um frequentador assíduo da biblioteca da vila, o Vicente aspirava a ser escritor da arte que ele considerava a mais bela: «Poesia».

Passou então, a descrever a maravilhosa visão enquanto sonhava: «O céu tornara-se num enorme ecrã iluminado por inúmeros focos de luz provenientes do horizonte.» Era deslumbrante ver os poemas que alguém fazia passar de ilustres autores que o Vicente lia com uma avidez sem precedentes e o pensamento entranhou-se. «Ler, mais e mais, escrever, escrever sempre.»

O mar seria a sua fonte de inspiração, observando-o de terra ou de quando em vez na embarcação familiar. Talvez um dia, pais e irmãos se orgulhassem dele. Quando alguém tem um sonho deve persegui-lo com toda a sua energia de modo a poder torná-lo realidade.

Possivelmente teria um longo caminho a percorrer para se afirmar como poeta, porém, se não tentasse nunca saberia se tinha valido a pena.

Maria Morgado

FL&A
CONTABILIDADE E CONSULTORIA
Proximidade, confidencialidade e rigor

☎ 214 420 036
✉ afernandeslopes@sapo.pt
📍 R Alfredo Lopes Vilaverde 7
2760-000 - Paço de Arcos

www.fla-associados.pt

A Cinderela

Era uma vez... Ou melhor, eram duas vezes, para variar o início da nossa história, pois já há uma outra com este nome, e agora passa a haver outra com este: A gata-Borrallheira. Ambas dizem a mesmíssima coisa. Mas eu, conheci outra Cinderela, ou Gata-Borrallheira, e é a sua história que vou contar: Numa rua estreitinha e muito suja, com casas abarracadas só de um dos lados, e do outro um muro baixinho que impede as pessoas de cair num enorme e íngreme barranco, vivia numa dessas casas, uma jovem linda como os amores. Era órfã de pai e mãe, enteada da mãe de duas outras jovens, estas feiosas, com quem o pai tinha casado em segundas núpcias. Como era de esperar, a madrasta gostava muito mais das filhas do seu sangue que da enteada. As meias irmãs tinham uns ciúmes desgraçados dela. E isto, porque a Gata-Borrallheira, a desta história, tal como a da outra versão mais conhecida, era muito mais bonita. E, nem era preciso ser muito mais bonita, pois as outras duas eram feias a valer. Dados os ciúmes, e a aversão da madrasta pela nossa Cinderela, todos os trabalhos duros da lida da casa eram sempre obrigatória-

mente feitos pela enteada. Os vestidos mais lindos eram para as filhas. Os andrajos para a Gata-Borrallheira.



Esta, chorava baba-e-ranho e era uma infeliz. Porém, não há nada que dure para sempre, senão a morte, e mesmo esta parece que ainda está para se saber se vai ou não haver ressurreição, como se diz na bíblia. Para a nossa história vai acabar o sofrimento da nossa Cinderela-Borrallheira, passemos agora a chamar-lhe assim. E é a partir de agora que na nossa Cinderela-Borrallheira, começa a divergir da Cinderela mais conhecida, a tal que, se bem se lembram, tinha um sapatinho de cristal onde só cabia o seu pequeno e delicado pezinho... Esta divergência tem a ver com as diferenças no pezinho e no sapatinho, como já irão ver. Continuemos: Como já acima disse ela chorava baba-e-ranho e era uma infeliz. Como quem não chora não mama, e como ela chorava que era um dó, um dia apareceu-lhe, lá na cozinha, uma Fada com varinha de condão, daquelas fadas que só existem nestas histórias, toda



LAVANDARIA

OS ARCOS

LIMPEZA A SECO - LAVANDARIA - PELES
CARPETES - CORTINADOS, ETC, ETC.

RUA PATRÃO JOAQUIM LOPES, 15
PAÇO D'ARCOS

TELEF. 214 436 731
2780 OEIRAS

vestida de lantejoulas e a irradiar luz por todos os lados. A Cinderela-Borrallheira a princípio assustou-se com tanta luz, mas a Fada acalmou-a e disse-lhe: - Não te assustes! Hoje vai haver um baile no palácio e vai lá estar um príncipe lindo, rico, e que quer encontrar uma mulher linda para se casar. Eu toco-te com a varinha e tu ficas vestida com o mais lindo vestido. Vou-te mandar um carro TVDE Rolls-Royce. Chegas lá, danças com o príncipe, mas só até à meia-noite. Toma nota, se ficares depois da meia-noite voltas a ficar com estas roupas e tens de vir a pé para casa pois o TVDE só está pago até essa hora. A Fada toca-lhe com a varinha, apenas para o vestido bonito, e como se esqueceu dum pequeno pormenor, é aqui que a nossa história diverge da outra Cinderela. A Cinderela-Borrallheira aperalta-se, a fada ajuda na maquilhagem, dá-lhe os últimos retoques; chega o TVDE; ela entra no Rolls-Royce e aí vai toda vaidosa e lampeira. Chega ao palácio, as meias-irmãs já lá estavam e, quando ela entra e o príncipe a olhar estasiado aquela beleza, elas ficam com um melão de todo o tamanho. O príncipe agarra na mãozinha da nossa Cinderela e dançam, dançam e dançam. Com tanto dançar o tempo, que como sabemos é veloz, chegou quase à meia-noite. A Cinderela-Borrallheira, larga a mão do príncipe e corre para a porta para cumprir o que lhe disse a Fada. Com a pressa deixa cair um dos enormes tamancos que tinha calçados. O príncipe apanha o tamanco, e constata que era grande, muito grande. Estranha que uma jovem tão linda e tão ágil e elegante a dançar, pudesse ter uns pés tão enormes. Contudo, pensando

bem, ela era linda, elegante e delicada, por isso, e como não há bela sem senão, queria saber quem era ela. Foi anunciado num Édito Real que aquela a quem aquele tamanco servisse sem ficar largo ou a apertar, casaria com o tal príncipe. A fada volta a aparecer, pede desculpa à Cinderela-Borrallheira por se ter esquecido do pormenor do pé. Aqui começa um novo problema. Hoje em dia, os jovens, meninas ou rapazes, atingem estaturas muito, mas mesmo muito, superiores aos 1,70m dos jovens do meu tempo. Alturas destas, precisam de pés também muito grandes... Houve tal correria ao palácio e tantas meninas experimentaram o tamanco, e lhes servia tal como o desejado, que o príncipe ainda hoje não sabia o que fazer, se continuar à espera da nossa Cinderela-Borrallheira, ou montar um harém com todas aquelas a quem o tamanco se ajustara.

A fada volta a aparecer e sugere à nossa Cinderela-Borrallheira, que vá ao palácio, de novo vestida com o tal belo vestido, que prove o sapatorro e que leve o outro que forma o par, para ver se assim o príncipe a reconhece.~

A nossa história acaba bem pois ambos os tamancos se ajustam e o príncipe reconhece-a. Casam-se. As meias irmãs ficam com ciúmes. Um tanoeiro de uma aldeia do norte do nosso país, deixou de fazer aduelas para barris e passou a fazer tamancos de madeira para a princesa, e ostenta na porta da sua loja um certificado de... Fornecedor de tamancos da Casa Real.

Carlos A. S. Aguiar

Da importância cultural das páginas literárias dos jornais

A semana passada fiz a minha quinta visita à Feira do Livro de Lisboa, - hábito que aprendi com a minha mãe, Maria Aguiar, que era uma consumidora de livros e de leituras - como é habitual todos os anos por esta época, onde compro uma média de 30 livros, de que depois acabo por ler metade, ficando os não lidos em lista de espera.

Um dos que comprei é a «Correspondência» trocada entre dois grandes vultos da nossa Literatura – Jorge de Sena (1919-1978) e José Régio (1901-1969). Interesse-me, sobretudo, pelas relações que os grandes vultos têm entre si, o que têm para dizer uns aos outros, e «last but not the least», como diria o meu saudoso mestre, padre Manuel Antunes, quais os temas abordados nessa troca de missivas que, muitas vezes, não são conhecidas do grande público.

Deste modo, fiquei extremamente surpreendido, com o que vim logo (re)encontrar nas páginas 34 a 36, no contexto da missiva de Sena, datada de Lisboa, de 16 de Fevereiro de 1947, pois julgava que o autor de Sinais de Fogo não o desejasse revelar tão publicamente, como o faz no referido livro. O facto de eu afirmar que reencon-

trei o assunto referido por Sena, prende-se com o título que dei a este artigo, uma vez que o mesmo foi referido num artigo de índole cultural, publicado no semanário Expresso, e

que guardo religiosamente no meu espólio, sobretudo pelo que me impressionou a descrição dos factos referidos. Outro hábito que aprendi com minha mãe, que colecionava todas as páginas literárias e artigos de índole cultural, de todos os jornais que o meu pai comprava diariamente, «Diário de Notícias», «Diário Popular», «Diário de Lisboa», «A Capital», «República», e «Expresso» ao fim-de-semana. E foi assim, com este estímulo maternal e paternal, que comecei a colecionar recortes de jornais, - devo ter aproximadamente um milhão -, que entre outras coisas me permitem escrever artigos sobre os mais diversos temas culturais, em diversos órgãos de comunicação em que colaboro regularmente, como a nossa «Voz de Paço de Arcos».



Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com

No caderno Expresso Cultural de 20 de Março de 1982, de título genérico,

«Quando a Marinha disse não a Jorge de Sena», realizado por AUGUSTO M. SEABRA, VIII PP., pode ler-se na p. VII, no artigo «Um menino de sua mãe sem a virilidade que os militares costumam exigir», o que o parágrafo único do artigo 5º estipulava : a formação «militar e física» dos cadetes seria considerada «em plano não inferior à formação científica e técnica», de onde se pode concluir que nada valeu a Sena ser o cadete admitido na Escola Naval com a melhor média do seu curso.

Todos os seus colegas aperceberam-se rapidamente da sua falta de destreza e dos seus receios, afirmando que Sena, nunca conseguiu subir aos mastros mais do que 6 a 7 metros, pois as suas pernas começavam a tremer como varas verdes, e podemos imaginar as suas provas de nataçao em águas infestadas de tubarões, para onde o instrutor lhes exigia que saltassem de bordo do velho Sagres.

É estranho que Sena tenha passado nas provas de aptidao física de admissao à Escola Naval, como um passeio de 4 metros numa viga elevada a 4 metros do solo, uma subida de um cabo vertical, também de 4 metros, saltos e provas de nataçao.

O artigo termina pondo a hipótese de que, «Talvez os examinadores tenham

feito alguma concessao por causa da qualidade das suas provas de aptidao cultural; talvez esperassem uma melhoria progressiva e satisfatória em 5 meses de instruçao.» O que não veio a concretizar-se, acabando Jorge de Sena e mais quatro colegas expulsos da Marinha portuguesa.

Voltando ao móbil deste meu artigo, desejo em última instância, chamar de novo a atençao, para os conhecimentos que as «Páginas Literárias» dos diversos jornais, podem fornecer aos seus leitores, dando simples informações aos menos avisados, e pistas para trabalhos mais profundos a desenvolver nos cursos universitários que os leitores venham a trilhar, e também chamar a atençao para o importante papel cultural desempenhado por minha mãe, que foi até ao fim dos seus dias, colaboradora, revisora, entrevistadora, articulista de «A Voz de Paço de Arcos». A toda esta actividade cultural de Maria Aguiar deve ainda juntar-se a fundaçao do Clube de Poetas de Paço de Arcos, onde editou três antologias com as poesias dos seus muitos seguidores.

José Aguiar Lança-Coelho

Licenciado e Mestre em Filosofia

(escreve de acordo com a antiga ortografia)

FUNERÁRIA CENTRAL
DE PAÇO DE ARCOS



R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

Aristides Deixoto
Telem.: 919 711 023



E-mail: gestifunebre.pacodearcos@gmail.com

O projeto Gira no Bairro celebra cinco anos de existência

É um projeto criado e gerido pela Mundos de Papel Associação, e que trouxe uma nova política de intervenção social ao concelho de Oeiras, mais concretamente a Caxias, uma vez que visa sobretudo a inclusão social e a proximidade entre a Polícia de Segurança Pública, crianças, jovens e famílias, e por consequência á comunidade caxiense no geral.

Além de Caxias a sua intervenção estende-se ao Centro Educativo Padre António de Oliveira em Caxias e ao Bairro do Pomal em Oeiras numa parceria com outra entidade local.

Este projeto além de inovador é pioneiro, e até ao momento exclusivo do Concelho de Oeiras uma vez que, tem como particularidade ser numa Esquadra de Polícia, Esquadra de Caxias e tendo na sua equipa técnica dois elementos policiais.

Ao longo do tempo, tem como atividades principais, a arte terapia, o apoio ao estudo, cidadania, desporto, dança, informática desde a ótica do utilizador até á programação e atividades de férias, entre outras. Conta também com as palestras de sensibilização dadas pelos elementos policiais, onde se enquadram o Bulliyng, Comportamentos de Risco que visam a prevenção dos consumos de álcool drogas e dependência da internet, prevenção da violência desde o namoro até à doméstica.

Este projeto começou em 2019, e apesar de não ter tido um arranque fácil, e sem



apoios financeiros, foi ainda fustigado como toda a população portuguesa com a inesperada pandemia Covid-19, no entanto com o esforço de toda uma equipa de profissionais preparada, nunca deixou cair os laços que já tinham sido criados entre os poucos jovens e famílias que já dele faziam parte. Foram inclusive criados kits individuais e entregues aos jovens nas suas residências, para ser possível manter as ligações e trabalhar em conjunto todas as atividades acima descritas, via online.

Passados esses tempos difíceis foi possível voltar ao terreno, com um apoio do município de Oeiras e mais tarde com o financiamento do programa Escolhas, que





decorre até ao momento, agora inseridos na 9ª Geração, e assim dar o salto que faltava, aproximar-se não só dos jovens como também da suas famílias e comunidade no geral, tendo desde essa altura aumentado significativamente de ano para ano, as crianças e jovens a frequentar o projeto, quer seja na esquadra, quer nos outros locais já mencionados.

Este projeto proporcionou a estes jovens várias atividades que sem a sua existência não seria possível de as realizarem, nomeadamente várias visitas ao exterior, tais como Aquashow, Oceanário, Museu do Ar, Planetário, praticar desportos como canoagem, arborismo e escalada. Estas atividades tiveram como finalidade não só a visita em si, mas trabalhar estados comportamentais, promovendo a aquisição de diversas competências, e mostrar-lhes mundo além do bairro em que mentalmente se encontravam fechados. Foi ainda possível visitar outros projetos fora de Lisboa, como a ida a Beja, mais concretamente, onde além do convívio entre comunidades diferentes, visou verem e experimentarem novas realidades.

Todo este trabalho feito neste projeto, visa transformar as crianças e jovens em adultos com objetivos e esperança num fu-

turo melhor, saindo do projeto muito mais bem preparados do que quando cá chegaram, uma vez que olhamos para o “Gira no Bairro EgG”, como um espaço de oportunidades e construção de projetos de vida saudáveis e conscientes.

Neste momento a principal preocupação é o apoio ao estudo, visto ser uma ferramenta fundamental para o progresso e evolução dos jovens, o que se tem traduzido num maior aproveitamento e numa diminuição de retenções e absentismo escolar.

Relativamente à criação de pontes entre Polícia e comunidade, apesar de não ser possível medir ou contabilizar em números essa relação, nota-se claramente uma melhoria na convivência entre as partes. As constantes atividades e idas dos elementos Policiais acompanhados dos jovens do “Gira” que ali nasceram e são criados, permite estabelecer uma relação de mutuo respeito não só nos jovens mas também familiares e em toda a comunidade, transmitindo assim uma maior sensação de segurança para ambas as partes.

Desde que o projeto começou até ao momento, já envolvemos mais de 400 crianças e jovens, mais de 80 familiares, mais de 150 polícias e mais de 50 professores, ou técnicos. O reconhecimento de várias entidades, como a ONU, sua Santidade o Papa Francisco, o Governo, entre outras, faz com que exista um orgulho imenso no caminho percorrido até ao momento, na certeza que mais anos virão, e que juntos continuemos a celebrar na Esquadra, pois este projeto continuará a criar pontes e a derrubar barreiras diariamente entre comunidade e forças de segurança.

@mundosdepapel.associacao

Artistas na fábrica – Teresa Arriaga, Jorge Oliveira, Manuel Filipe 1942-1945

Inaugurou no dia 15 de Junho no Museu MIMO em Leiria a exposição Artistas na Fábrica com obras dos artistas Teresa Arriaga, Jorge Oliveira e Manuel Filipe. Apresento brevemente o tema da exposição, usando o texto que, na entrada do certame, recebe os visitantes:

“No decurso na segunda guerra mundial e no ano de 1945, no contexto de afirmação do neo-realismo nas artes plásticas, três jovens artistas realizaram, na região de Leiria, um conjunto de trabalhos plásticos de grande qualidade e importância que manifesta o seu empenho em testemunharem as duras condições de trabalho do operariado fabril.

Manuel Filipe realizou um conjunto impressionante de desenhos a carvão, de grandes dimensões e alguns compondo trípticos, que representam a dureza, o sofrimento e a falta de esperança de um operariado oprimido. Não se inspira numa realidade precisa, mas na ideia metafórica de um lugar de opressão e sofrimento.

De modo muito diverso, Teresa Arriaga e Jorge Oliveira trabalham a partir da observação directa. Teresa fora contratada para leccionar na escola



Industrial da Marinha Grande, no ano lectivo de 1944-45. Paralelamente ao desempenho dessa actividade, empenha-se em realizar dezenas de retratos de meninos-operários que trabalhavam na Fábrica Stephens, elaborando um documento extraordinário da dureza de vida de meninos que não tiveram infância.

Jorge Oliveira, ainda aluno da Escola de Belas-Artes de Lisboa, aproveita as férias grandes de 1945, quando está em Leiria, sua terra natal, para obter autorização de desenhar na fábrica de





cimentos Maceira Lis. Sonhava que as dezenas de desenhos realizados pudessem servir de base à elaboração de um grande mural, à semelhança do que faziam os pintores mexicanos que admirava.

Não houve, nesta fase de trabalho, contacto entre os três artistas nem nenhuma intenção conjunta. É o olhar do historiador que permite valorizar este evento excepcional e detectar articulações produtivas.

Este é o objectivo da exposição que se centra na exibição exaustiva da produção plástica referida mas a contextualizará, no caso de Jorge Oliveira e de Teresa Arriaga, no funcionamento das fábricas onde operaram, recorrendo aos arquivos das mesmas, a trabalhos de investigação já realizados e à



imprensa regional.

Deve ser salientado que o conjunto de obras plásticas que se vão expor constituem um dos mais qualificados da arte portuguesa do tempo. No entanto, e estranhamente, não são conhecidos do grande público, nem mesmo de especialistas, e nunca foram, nem sequer apontativamente, apresentados no seu intenso diálogo.”

Como fica expresso, esta é uma exposição de importância nacional mas tem um suplemento de importância para o concelho de Oeiras. Teresa Arriaga e Jorge Oliveira namoraram e casaram pouco depois de se terem conhecido e exposto em Leiria. A seguir, ainda no final da década de 1940, vieram residir para Paço d’Arcos já com o filho entretanto nascido. Compraram um lote de terreno no Alto do Lagoal onde a sua casa foi uma das primeiras a ser construída e aí viveram o resto das suas felizmente longas vidas. A casa mantém-se na posse do filho, o médico Jorge Arriaga de Oliveira que, com imensa generosidade e empenho, emprestou a quase totalidade das obras se seus pais que se encontram na exposição de Leiria.

Mas a obra dos dois notáveis artistas é muito mais vasta e merece ser vista na sua totalidade. Por isso, me atrevo a manifestar que os seus espólios poderiam ser um dos núcleos consistentes de um futuro Museu de Arte Contemporânea do Concelho de Oeiras.

Raquel Henriques da Silva

Parceria com a Ultra Fm

O jornal “A Voz de Paço de Arcos” e o Programa Magazine da Cristina da Rádio Ultra Fm 88.2, apresentado pela apresentadora e locutora Cristina Caeiro, acabam de firmar uma parceria que pretende reunir sinergias de modo a dar mais visibilidade à vida cultural e social do concelho de Oeiras. São já algumas as ligações que a Ultra Fm 88.2 tem a este concelho, nomeadamente através da atenção dada a peças de teatro levadas à cena pelo Teatro Independente de Oeiras. Além disso,



Cristina Caeiro está ligada à revista Heli-magazine, sediada no concelho, e é apresentadora de diversos eventos culturais da Associação Paço de Artes.

Conversas de espanto

Realizou-se no dia 8 de junho, no Forte de S. Bruno, uma sessão sobre a problemática dos Oceanos, integrada no dia Mundial dos Oceanos.

Coordenadas pelo jornalista Rui Neto Pereira, com Catarina Pimentel (Cientista), Cristina Rocha Antunes (United By The Sea), Joaquim Boiça (Historiador), José da “Quinta” (Pescador ativo – Paço de Arcos), Margarida Farrajota (Centro Português de Atividades Subaquáticas – CPAS), Paulo Arraiano (Artista e Mergulhador) e Rui Vasco Cruz (Surfista).

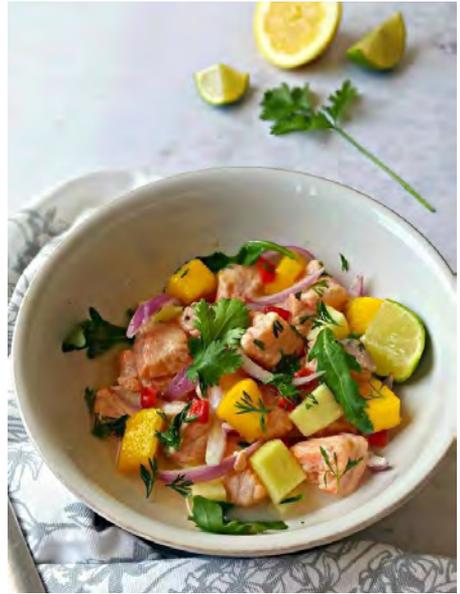
Fotografia: Carlos Ricardo



Ceviche de Salmão

Para 4 pessoas – Ingredientes

400 Gr Lombo de Salmão
 2 Limas (sumo)
 Sal q.b
 Pimenta
 6 Fatias de pão de forma s/ cõeada (para fazer as tostas)
 Aneto q.b.
 ½ Manga
 ½ Pera abacate
 1/2 Malagueta
 ½ Cebola
 Gengibre q-b-
 ½ Pepino
 Coentros q.b



Preparação

- Corte o salmão em cubos pequenos, junte o sumo das duas limas, tempere com sal e pimenta e deixe a marinar no frigorífico.
- Aproveite esse tempo para preparar as tostas.
- Por cima de uma fatia de pão de forma sem cõeada espalhe um pouco de aneto, coloque outra fatia de pão por cima e espalme bem com o rolo da massa.
- Corte em tiras, pique com o garfo e leve ao forno para tostar.
- De seguida corte a fruta aos cubos para uma taça: primeiro a manga, depois a pera-abacate. Acrescente a malagueta sem sementes, a cebola-roxa picada, raspa de gengibre, o pepino cortado em cubos sem sementes e os coentros picados.
- Por fim, junte os cubos de salmão e a marinada e envolva tudo.
- Retire o sal e leve ao frigorífico ate à altura de servir
- Acompanhe o *ceviche* com as tostas de endro.



Mercedes-Benz

Auto Caxiense

R.A. Mercedes

MECÂNICA
 PINTURA EM ESTUFA
 ELECTRICISTA
 BATE-CHAPA

BANCO DE ENSAIO
 COMPUTADOR DE TESTES
 (diagnóstico de avarias)



Rua João Alves de Carvalho, 6 e 8
 2760-126 CAXIAS

autocaxiense@sapo.pt

Tel. 21 443 51 42
 21 446 13 36

Sobremesa

Sorvete de limão com hortelã e algas

Ingredientes

- 3 Limões
- 2 dl de água
- 120g de Açúcar granulado
- 1/2 Folha de alga *nori*
- Hortelã q.b.
- 1 Clara de ovo
- 80g de Açúcar em pó

Preparação:

- Comece por retirar as cascas aos limões, só a parte amarela, e leve ao lume a ferver com a água e o açúcar.
- À parte, pique a hortelã e a alga *nori*.
- Quando a calda estiver pronta, com textura de xarope, coe para tirar as cascas dos limões e guarde.
- Deite tudo num recipiente e misture com o sumo dos limões, a hortelã e a alga.
- Envolve bem e leve ao congelador por duas horas.
- Bata uma clara de ovo em castelo com o



açúcar em pó até ficar firme.

- Retire o preparado do congelador, misture com a clara batida e volte a por no congelador por mais uma hora. Quando estiver congelado, decore com miolo de noz e sirva de imediato.

Receitas Caty Soares



**Paço
d'Arcos**
Escola de Condução

Rua José Moreira Rato, 6A
2770-106 Paço de Arcos
Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03
Email: esc.cond.pacodarcos@gmail.com • facebook.com/ecpa1 • www.ecpa.pt

INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES

Escola Associada ANIECA
Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT
Revalidações Cartas
e Documentos Veículos e Condutores



149 anos de celebração das Festas do Senhor Jesus dos Navegantes

Organização:



União das Freguesias de Deiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias

FESTAS EM HONRA DO

Senhor Jesus dos Navegantes

de Paço de Arcos

FOGO DE ARTIFÍCIO
31 AGO.
SÁBADO
24H00

23 AGO.
a ISET.
2024

FEIRA NO JARDIM MUNICIPAL DE PAÇO DE ARCOS

PROGRAMA

23
6.ª feira

18H00 – Abertura da Feira

21H00 – Procissão noturna com a Imagem do Senhor Jesus dos Navegantes para a Igreja Paroquial

21H30 – Saudação às Entidades organizadoras, convidados, feirantes e público presente, com a Fanfara da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos Entrada da Feira até ao Coreto do Jardim Municipal de Paço de Arcos

22H00 – Noite branca com a DJ Cláudia Arauz, no palco principal

24
Sábado

15H00-16H00 – Espetáculo infantil – Marias Catrapumbas, no Coreto

16H00 – Atividades infantis (Pinturas faciais e artes circenses), no Jardim

16H00-18H00 – Atividades cívicas de Proteção Civil, no stand da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos, no Jardim

17H00 – XIX Salão da Vila - Inauguração da Exposição “Fusão” (a exposição estará patente entre os dias 24 de agosto e 1 de setembro, nos dias úteis das 20H30 às 23H00 e aos sábados e domingos das 16H00 às 19H00 e das 20H30 às 23H00)

17h00 – 19h00 – Workshop de dança “Hip-Hop”, pela Deiras Dance Academy, no Coreto

25
Domingo

19H30 - 21H00 – Workshop de dança “Ritmos Latinos”, pela Associação Trópico de Dança, no Coreto

22H00 – Espetáculo musical com Ténis Bar, no palco principal

11H30 – Missa solene, na Igreja Paroquial

15H30 – Homenagem ao Patrão Lopes junto ao Monumento do Herói no Jardim de Paço de Arcos, seguida de Romagem ao Túmulo do Patrão Lopes e à campa de D. Leonor Faria Gomes, no Cemitério Municipal de Deiras

15H00-16H00 – Espetáculo infantil – Anafsa ferreira – Músicas da Disney, no Coreto

16H00 – Atividades infantis (Pinturas faciais e artes circenses), no Jardim

16H00-18H00 – Atividades cívicas de Proteção Civil, no stand da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos, no Jardim

16H00-19H00 – Atividade infantil com a demonstração de condução segura pela Escola de Condução de Paço de Arcos

16H00 – Procissão do Senhor Jesus dos Navegantes, Bêção dos barcos e do Mar, com saída da Capela do Senhor Jesus dos Navegantes, com acompanhamento pela Banda

27
3.ª feira

18H30 – 20H00 – Workshop de dança “Forró”, pela escola de Dança Espaço Baião, no Coreto

21H00 – Espetáculo musical com Trio Maravilha, no Coreto

18H30 – 20H00 – Demonstração de Boxe e Kickboxing Com a Associação Morreira Team, no Coreto

21H30 – Espetáculo de Dança, Com a “OEIRAS DANCE ACADEMY”, “ESCOLA DE DANÇA EVA VIEIRA DE ALMEIDA” E “ASSOCIAÇÃO TRÓPICO DE DANÇA”, no palco principal

28
4.ª feira

18H30 – 20H00 – Exibição de Karaté com o CEFIDEC, junto ao Coreto do Jardim Municipal de Paço de Arcos

21H30 – Espetáculo musical com Os Três Duques, no Coreto

29
5.ª feira

19H00 - 20H30 – Workshop de dança “Ritmos Latinos”, pela Associação Trópico de Dança, no Coreto

22H00 – Atuação musical ABBA MIA (Tributo aos ABBA), no palco principal.

30
6.ª feira

19H00 - 20H30 – Workshop de dança “Ritmos Latinos”, pela Associação Trópico de Dança, no Coreto

22H00 – Espetáculo musical com Miguel Azevedo, no palco principal

31
Sábado

15H00-16H00 – Espetáculo infantil – Marias Catrapumbas, no Coreto

1
Domingo

16H00 – Concerto Comemorativo 4º Aniversário da Inauguração do órgão da Igreja, com o Organista Professor Luis Cerqueira, na Igreja Paroquial

16H00-18H00 – Atividades cívicas de Proteção Civil, no stand da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos, no Jardim

17H30 – 18H30 – Animação de Ginástica Pela “Associação Desportiva do Clube da Linha de Oeiras”

22H00 – Espetáculo musical com Paulo Gonzo, no palco principal.

00H00 – Espetáculo Piromusical - Fogo de Artifício, na Praia Velha de Paço de Arcos.

11H30 – Missa de Ação de Graças pelas Festas 2024, na Igreja Paroquial da Sagrada Família

16H00-18H00 – Atividades cívicas de Proteção Civil, no stand da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos, no Jardim

15H00-16H00 – Espetáculo infantil – Anafsa ferreira – Músicas da Disney, no Coreto

16H00 – Atividades infantis (Pinturas faciais e artes circenses), no Jardim

19h00 – Encerramento das Festas

Nota: O programa poderá sofrer alterações por motivos imprevistos



MASCAGNI
CAVALLERIA RUSTICANA

& PAGLIACCI

LEONCAVALLO

22, 24 e 26 AGOSTO

21h



**JARDINS DO PALÁCIO
MARQUÊS DE POMBAL**

www.operafestlisboa.com

Bilhetes à venda na BOL, FNAC, El Corte Inglés e outros